



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Câmpus de Bauru



Maria Luiza Miranda Paulino da Silva

**GÊNERO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO INICIAL  
DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



BAURU  
2024

Maria Luiza Miranda Paulino da Silva

**GÊNERO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO INICIAL  
DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física junto à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Bauru – como um dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

BAURU  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço ao meu pai, já falecido, que sempre viu a educação como o único caminho possível para que um dia pudéssemos melhorar de vida. Obrigada, pai, por me fazer entender a importância de estudar e por me ter trazido até aqui.

Agradeço também à minha orientadora Lilian, que tornou este trabalho de conclusão de curso apenas mais um, sempre muito atenciosa e cuidadosa. Muito obrigada por me aceitar como orientanda.

Agradeço à professora Ugaya por sempre me incentivar e apoiar em minha trajetória acadêmica. Agradeço imensamente pelas oportunidades que me foram oferecidas.

Por fim, agradeço aos meus irmãos e à minha mãe por sempre me apoiarem.

## RESUMO

A formação inicial de professores em Educação Física desempenha um papel crucial na preparação de profissionais capazes de abordar temas sensíveis como gênero e relações étnico-raciais. À medida que a sociedade se torna cada vez mais diversificada e consciente das desigualdades históricas e sociais, é fundamental que os futuros educadores estejam aptos a lidar com essas questões em suas práticas pedagógicas. Neste sentido, a presente pesquisa teve como objetivo identificar as percepções de graduandos e graduandas de um curso de licenciatura em Educação Física sobre o desenvolvimento dos temas gênero e relações étnico-raciais em seus percursos de formação inicial na universidade. A pesquisa em questão é de caráter qualitativo. Os participantes foram cinco graduandos/as dos últimos anos do curso de licenciatura em Educação Física. Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada individual. As respostas foram transcritas e analisadas, criando-se, a partir daí, três categorias de análise. A primeira categoria tematiza as apropriações conceituais e ações como futuro/a docente na abordagem dos temas gênero e relações étnico-raciais. A segunda categoria foca nas reflexões sobre o curso de formação inicial de professores/as de Educação Física em relação ao gênero e as relações étnico-raciais. A terceira categoria trata dos desafios e das possibilidades das questões de gênero e relações étnico-raciais na formação de professores de Educação Física. Os depoimentos dos estudantes destacaram a importância de uma formação inicial que esteja comprometida em formar profissionais que se importem com esses temas e que, de alguma maneira, eles vêm sendo trabalhados em alguns momentos do curso de licenciatura em Educação Física. Entretanto, há uma carência na abordagem dessas questões por parte de todo o corpo docente, o que revela fragilidades que podem interferir na formação adequada para que os futuros profissionais possam se sentir mais seguros para lidar com essas questões ao lecionar.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais, Gênero, Formação inicial, Educação Física.

## **ABSTRACT**

Initial teacher training in Physical Education plays a crucial role in preparing professionals capable of tackling sensitive topics such as gender and ethnic-racial relations. As society becomes increasingly diverse and aware of historical and social inequalities, it is essential that future educators are able to deal with these issues in their teaching practices. With this in mind, the aim of this study was to identify the perceptions of undergraduates on a degree course in Physical Education about the development of the themes of gender and ethnic-racial relations during their initial training at university. The research in question is qualitative in nature. To define the participants, we sought to contact students from the final years of the undergraduate Physical Education course. For data collection, individual semi-structured interviews were used remotely, with a script of questions to guide them. The answers were transcribed and analyzed to create three categories of analysis. The first category focuses on conceptual appropriations and actions as a future teacher in approaching the themes of gender and ethnic-racial relations. The second category focuses on reflections on the initial training course for Physical Education teachers in relation to gender and ethnic-racial relations. The third category deals with the challenges and possibilities of gender issues and ethnic-racial relations in the training of Physical Education teachers. The students' statements highlighted the importance of an initial education that is committed to training professionals who care about these issues and that, to some extent, they have been dealt with at some points in the Physical Education degree course. However, there is a lack of approach to these issues on the part of the entire teaching staff, which reveals weaknesses that can interfere with adequate training so that future professionals can feel more confident in dealing with these issues when teaching.

**Keywords:** Ethnic-racial relations, Gender, Initial training, Physical Education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Educação Física na escola: as relações de gênero e étnico-raciais</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2 – Formação inicial de professores de Educação Física</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 3 – Trajetória metodológica</b>	<b>25</b>
3.1 Tipo de pesquisa	25
3.2 Participantes	26
3.3 A coleta de dados	26
3.4 Análise dos dados	28
<b>CAPÍTULO 4 – Apresentação e discussão dos dados</b>	<b>30</b>
4.1 Apropriações conceituais e ações como futuro/a docente: gênero e questões étnico-raciais	30
4.2 Reflexões sobre o curso de formação inicial de professores/as de Educação Física acerca das temáticas gênero e relações étnico-raciais.	35
4.3 Desafios e possibilidades das questões de gênero e étnico-raciais na formação de professores em Educação Física.	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>47</b>
Apêndice 1	47
Apêndice 2	49

## INTRODUÇÃO

A inquietação que me motivou a formular este trabalho relaciona-se com minha trajetória de vida como estudante, marcada pelo racismo e pelas desigualdades de gênero. Ao ingressar na universidade me deparei com algumas questões que me levaram a refletir sobre aquela formação que me estava sendo fornecida, pude aprofundar tais reflexões, quando recebi o convite para participar do Programa Núcleos de Ensino da Unesp, na qual atuei como bolsista durante dois anos, participando do desenvolvimento do projeto “Qual a minha história: relações étnico-raciais na educação infantil” e “Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil: a África em você, em mim, em nós”. Dessa forma, a partir da minha trajetória enquanto uma mulher negra que rompeu as expectativas e adentrou o ensino superior, surge este trabalho, a partir de uma inquietação pessoal do meu existir no mundo, sendo quem sou e ocupando o espaço que ocupo.

Nos últimos anos, os temas gênero e relações étnico-raciais têm ganhado destaque, especialmente em âmbito escolar. A importância dessa temática é evidente, considerando que há relevo em compreender como os marcadores sociais de gênero e relações étnico-raciais têm sido percebidos e envolvidos na formação inicial e nas reflexões de futuros docentes de Educação Física.

O conceito de gênero refere-se às construções sociais, culturais e históricas que definem papéis, comportamentos e expectativas atribuídas a indivíduos com base em sua identidade ou expressão de gênero. O gênero envolve normas e valores associados ao que é considerado “masculino”, “feminino” ou não-binário. A identidade de gênero está relacionado a como a pessoa se percebe e se identifica (homem, mulher, não-binário, entre outras). Expressão de gênero está relacionado a como a pessoa manifesta essa identidade por meio de vestimentas, comportamento e linguagem. O conceito está relacionado à luta por equidade e contra discriminações como machismo, misoginia e a transfobia.

As relações étnico-raciais envolvem as interações sociais entre indivíduos ou grupos de diferentes origens étnicas e raciais, levando em consideração as questões de identidade, cultura, pertencimento e poder. A etnia refere-se a grupos que

compartilham uma cultura, idioma, religião ou tradições comuns. A raça é um conceito socialmente construído que categoriza exclusivamente pessoas não brancas com base em características físicas, como a cor da pele, sendo usado historicamente para justificar desigualdades e discriminações. No Brasil, essas relações são marcadas pelo legado colonial e escravocrata, resultando em desigualdades raciais persistentes e na luta por reconhecimento e reparação.

Reflexões sobre a possibilidade de pensar a educação básica a partir de temas sensíveis são apresentadas por alguns autores, destacando-se aqui Altmann (2015), Cruz e Palmeira (2009), Daolio (1996), Gomes (2002) entre outros. Embora existam muitos pesquisadores que exploram esses temas na educação básica, sinto que há uma falta de estudos que busquem verificar essas questões na formação inicial de professores em Educação Física, mesmo com a falta de trabalhos relacionados à formação inicial, existem alguns que nos fazem refletir como uma formação voltada para questões de justiça social se faz importante para a transformação social. Sendo assim, trabalhos que abordam essas questões ligadas à formação de professores podem contribuir para que possamos identificar os desafios e as possibilidades que os futuros educadores enfrentam em sua formação.

Este trabalho tem como objetivo identificar as percepções de graduandos e de graduandas de um curso de licenciatura em Educação Física sobre o desenvolvimento dos temas de gênero e relações étnico-raciais em seus percursos de formação inicial na graduação, buscando responder à seguinte questão: Como os futuros professores de Educação Física têm sido mobilizados na formação inicial, graduação em Educação Física, a pensar e a refletir sobre os marcadores sociais gênero e relações étnico-raciais na atuação profissional junto às escolas?

Ademais, intentamos visualizar quais são as barreiras presentes no ensino superior quando pensamos na formação de professores que, por conta de um processo sociocultural, terão que lidar com questões de gênero e das relações étnico-raciais, presentes no cotidiano escolar. Investigar se essa formação inicial é apropriada para tratar essas questões é fundamental, pois, para que possamos desfrutar de uma sociedade que rompa com o *status quo*, as mudanças têm que vir da base, sendo assim, verificar se os futuros professores saem da universidade aptos a lidar com essas questões se torna um processo de extrema importância.

O texto está organizado em cinco capítulos que estruturam o estudo. No primeiro capítulo, apresentamos a Educação Física: as relações étnico-raciais e de gênero. Neste capítulo, estabelece-se a relação da escola com os temas sensíveis aqui citados. Em paralelo, o capítulo também apresenta como a Educação Física pode contribuir para o rompimento dos estereótipos que são reforçados na Educação Física escolar.

A temática de formação inicial de professores de Educação Física é tratada no capítulo dois. O capítulo busca estabelecer como as temáticas de gênero e relações étnico-raciais são desenvolvidas na formação inicial de professores em Educação Física, ainda neste capítulo há uma breve contextualização histórica sobre a trajetória da Educação Física no Brasil.

Na metodologia, presente no capítulo três, é definido o tipo de pesquisa utilizada: a pesquisa qualitativa. Essa abordagem permitirá, por meio dos relatos de alunos do ensino superior em Educação Física, verificar como se dá o tratamento ao longo da formação acerca de temas sensíveis, como as relações étnico-raciais e de gênero. Além de buscar evidenciar como se dá o tratamento em relação a esses temas, a pesquisa também visa mapear as dificuldades que os alunos encontram em sua formação, principalmente quando relacionadas a esses dois assuntos. O capítulo conta também com a definição dos participantes, a coleta de dados e a análise dos dados.

O capítulo quatro se dedicará a explorar as categorias de análise que foram coletadas. A primeira categoria tematiza as apropriações conceituais e ações como futuro/a docente: gênero e questões étnico-raciais. A segunda categoria tematiza as reflexões sobre o curso de formação inicial de professores/as de Educação Física acerca das temáticas gênero e relações étnico-raciais. A terceira e última categoria tematiza os desafios e as possibilidades das questões de gênero e étnico-raciais na formação de professores em Educação Física.

As considerações finais indicaram que, embora os temas sensíveis sejam abordados em algumas disciplinas do curso, há a necessidade de um aprofundamento teórico ao desenvolver esses temas. Outro ponto que se mostrou muito pertinente para a pesquisa é a falta de constância com que os temas são trabalhados, indicando que a qualificação profissional que esses futuros profissionais recebem em relação a

esses temas sensíveis pode não ser suficiente para uma educação que vise romper com os paradigmas sociais impostos pela sociedade.

## CAPÍTULO 1

### EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO

Com este capítulo buscamos evidenciar como as relações étnico-raciais e o gênero se estabelecem no contexto escolar. Para darmos início a este capítulo, é necessário compreender como o racismo se estabelece no Brasil e como ele se revela nos tempos atuais. Sendo assim, o Brasil se constituiu como um país sob um regime escravista, e parte do seu desenvolvimento ocorreu através da exploração de outras nações. Isso implica uma formação sociocultural marcada pela brutalidade do processo de colonização, especialmente através do tráfico negreiro, um processo que perdurou por mais de trezentos anos.

[...] a escravidão não deve ser definida como um status, mas sim como um processo de transformação de status que pode prolongar-se uma vida inteira e inclusive estender-se para as gerações seguintes. O escravo começa como um estrangeiro [outsider] social e passa por um processo para se tornar um membro [insider]. Um indivíduo, despido de sua identidade social prévia, é colocado à margem de um novo grupo social que lhe dá uma nova identidade social. A estraneidade [outsidedness], então, é sociológica e não étnica.” (Kopytoff, 1982 *apud* Maranhese, 2006, p. 03).

Podemos verificar como o brutal processo de colonização e escravização traz reflexos até hoje para toda a sociedade, mas principalmente para os negros e negras que sofrem com o racismo cotidianamente. Na visão de Berth (2020, p. 60), o processo de escravização ainda se perpetua de forma oculta. Ou seja, a abolição da escravização de pessoas negras não foi completa, o que implica na negação da existência do negro como produtor de saberes, cultura e conhecimentos intelectuais. Quando essas potências sociais são negadas, o processo de subalternização da população negra se fortalece. Em outras palavras, a escravização de ontem ainda se faz presente hoje, mas de forma oculta. Os traumas gerados por esse processo de desumanização permanecem; o que muda é a geração. Como sugere Kilomba (2020), o passado se coincide com o presente, e o sujeito negro se vê mais uma vez como objeto de uma história agonizante.

Esse fato interfere diretamente na construção da identidade social de cada indivíduo. Aqueles que têm sua identidade desconsiderada dificilmente se veem como parte importante da sociedade e acabam condicionados a viver à margem dela. O racismo é complexo e manifesta-se de diferentes maneiras em nossa sociedade. O racismo estrutural é um conceito que se refere à maneira como o racismo está embutido nas estruturas sociais, políticas e econômicas de uma sociedade, funcionando de forma sistemática e muitas vezes invisível. Não se trata apenas de atos individuais de discriminação, mas de um conjunto de práticas, normas e instituições que perpetuam desigualdades raciais ao longo do tempo, para combater o racismo estrutural punições individuais não bastam, é necessário pensar na reestruturação de políticas que por vezes perpetuam a desigualdade, Almeida (2018 citado por Silva e Pereira, 2021). É de suma importância compreender as diversas formas que esse fenômeno estrutural se revela. Conforme Alberti e Pereira (2007), o racismo deve ser compreendido como um complexo de ideias, ou seja, atitudes e ações sociais baseadas em alegadas diferenças biológicas. Esse ideal se manifesta nas interações sociais. Temos o preconceito, que se revela a partir de "opiniões" desfavoráveis em relação ao outro; a discriminação, que se demonstra pelo comportamento social que impede a ampliação do espaço social do indivíduo; e a segregação, que se revela através de limites espaciais bem definidos que impedem alguns sujeitos de transitar livremente.

Conforme Gomes (2002), a escola é uma instituição fundamental na formação de saberes sociais e culturais. Assim, é possível destacar a importância da cultura escolar no processo de construção das identidades sociais. Devemos considerar também que a escola se torna um ambiente onde compartilhamos vivências que vão além dos saberes escolares, incluindo valores, crenças, preconceitos e discriminações.

A trajetória escolar está presente na vida de todos os indivíduos que nela estão inseridos. No entanto, como afirma Gomes (2002), devemos considerar que nem todas as trajetórias escolares oferecem um processo positivo de vivências, especialmente quando focamos no corpo negro, que é frequentemente violentado, marginalizado, segregado e ignorado. A partir dessas histórias de pessoas negras,

lamentavelmente, observamos o reforço de estereótipos e representações negativas relacionadas às questões étnico-raciais nas trajetórias escolares.

A partir de um ato político, foi inserida nas leis de ensino brasileiro a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade de ensino da história e cultura negra brasileira no ensino fundamental e médio. Ressalto a importância dessa lei para que os profissionais da área da educação possam aprofundar seus estudos sobre essa questão social fundamental para toda a sociedade brasileira. Conforme Pires e Souza (2015, p. 4), "Entendemos que a legislação torna-se uma mediadora entre a educação e a sociedade, uma vez que ela realiza a tarefa de 'entrar' no sistema educacional e orientar ações a partir da demanda da organização social [...]". Isso implica diretamente nas diretrizes curriculares nacionais, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a referida lei foi promulgada no intuito de criar condições, normas e valores necessários à efetiva composição étnico-brasileira, além de garantir a democratização do acesso e da permanência de crianças, jovens e adultos nos sistemas de ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs - (Brasil, 1997, p.25), especificamente na área de Educação Física, destacam:

No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, que se tornaram dominantes na sociedade, seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social e a atuação dos meios de comunicação em produzi-los, transmiti-los e impô-los; uma discussão sobre a ética do esporte profissional, sobre a discriminação sexual e racial que existe nele, entre outras coisas, pode favorecer a consideração da estética do ponto de vista do bem-estar, as posturas não-consumistas, não preconceituosas, não-discriminatórias e a consciência dos valores coerentes com a ética democrática.

A Educação Física, enquanto componente curricular, sobre o aspecto do sentido/significado abrange a relação entre a cultura corporal de movimento, que se expressa através dos esportes, danças, jogos e brincadeiras, lutas e ginástica. Para Raimundo, Cristina e Terra (2021), cabe ao profissional tratar pedagogicamente cada um desses temas para que lhes sejam atribuídos sentidos e significados, fortalecendo uma prática pedagógica que vá além do superficial. O ensino deve fluir a partir de uma perspectiva emancipatória e não estereotipada, uma vez que esses temas refletem

diretamente a construção sociohistórica de nossa sociedade. Portanto, é fundamental que o professor, juntamente com a instituição educacional, ofereça aos alunos a possibilidade de reflexão e discussão crítica sobre os temas da cultura corporal, problematizando os valores culturais e sociais estabelecidos socialmente dentro de uma estrutura de opressões e desigualdades.

Conforme afirma Gomes (2002, p. 41): “O corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo”. Se o corpo fala sobre o nosso estar no mundo, é essencial refletir sobre quais corpos são aceitos socialmente e quais não são. Além disso, é crucial entender por que algumas identidades sociais são constantemente negadas e hostilizadas no meio social em que se encontram.

Historicamente, podemos refletir sobre como a Educação Física se estabelece socialmente. Desde sua criação, a Educação Física esteve ligada a princípios eugênicos e higienistas, o que implicou diretamente na desvalorização de culturas não europeias e, conseqüentemente, na negação do outro (Pomin; Café, 2020).

É a partir dessa reflexão que podemos identificar a relevância de uma práxis pedagógica que reforce a valorização da identidade negra no ambiente escolar. É crucial estabelecer, na prática educacional, uma perspectiva de educação antirracista que, além de promover a valorização da identidade negra, atue contra as injustiças resultantes da marginalização e desumanização do povo negro. Dessa forma, podemos trabalhar para criar um futuro em que todos possam prosperar igualmente.

O conceito de gênero marca de maneira significativa as interações sociais tanto dentro quanto fora da escola, sendo um dos principais demarcadores sociais onde podemos observar facilmente relações desproporcionais de poder. Quando associado às questões étnico-raciais, esse conceito revela ainda mais as opressões e discriminações enfrentadas por pessoas cujas vidas são atravessadas por esses dois demarcadores sociais.

Conforme Louro (1995), o conceito de gênero pode ser definido a partir de uma perspectiva social. Como já mencionado, o gênero demarca relações sociais desiguais através de práticas sociais “masculinizantes” e “feminizantes”. Essas relações estabelecem-se com base em construções sociais fundamentadas em uma

percepção errônea das diferenças sexuais entre “homens” e “mulheres”, o que define os papéis sociais que cada um deve cumprir.

Se o gênero é estabelecido a partir de construções sociais, é correto afirmar que ele também é constituído culturalmente, ou seja, está sujeito a mudanças assim como toda a sociedade. Vivemos em uma sociedade onde tudo é generificado, ou seja, onde tudo é definido pelo gênero e se organiza em função dele.

Conforme afirmam Cabral e Díaz (1998), existem quatro eixos onde podemos perceber as desigualdades geradas pela construção social do gênero. O primeiro eixo refere-se à sexualidade: para as mulheres, ela é frequentemente negada e reprimida, enquanto para os homens é vista como fluida, natural e prazerosa. O segundo eixo diz respeito à reprodução: para as mulheres, há uma obrigação e até mesmo uma expectativa de ser mãe, enquanto para os homens essa expectativa e obrigação de ser pai não existem. O terceiro eixo aborda a divisão sexual do trabalho: espera-se que as mulheres sejam responsáveis pelos trabalhos domésticos, enquanto os homens devem ser os provedores de suas famílias. O quarto eixo trata do espaço público e do reconhecimento da cidadania: as mulheres frequentemente são marginalizadas no espaço público, e, no âmbito trabalhista, é raro encontrarmos mulheres em cargos de liderança, ao contrário dos homens, que dominam as grandes lideranças.

Essa relação de poder está presente em todos os espaços da vida social, e no contexto educacional não é diferente. Podemos observar desde o início da vida escolar dos alunos a diferenciação de gênero que, por vezes, exclui pessoas não-binárias ou gênero fluido, por exemplo, nas filas separadas por gênero reforçando a binaridade — de um lado, meninas; do outro, meninos — nas brincadeiras classificadas como de “meninos e meninas” e nos conflitos fomentados pelo gênero durante jogos e atividades. Na perspectiva de Altmann (2015, p. 74), até mesmo os espaços na escola são mais amplos para os meninos do que para as meninas. Consequentemente, os espaços mais amplos e esportivos são destinados aos meninos, enquanto mesas e pátios menores são reservados para as meninas.

De acordo com Madureira e Branco (2015), podemos observar uma grande dificuldade por parte dos professores ao serem questionados sobre o conceito de gênero. Existe um considerável distanciamento em relação à compreensão de que o

gênero é uma construção social, também presente nas relações pedagógicas. Compreender o gênero como uma construção social implica reconhecer sua flexibilidade, complexidade e potencial transformador nas lutas por justiça social e igualdade de direitos.

Na Educação Física, a relação de poder entre meninos e meninas é frequentemente visível, especialmente durante as aulas de esportes como futebol, vôlei, queimada, entre outros. Observa-se que as meninas tocam menos na bola, mas esse fato, embora relevante, não é suficiente para captar todas as desigualdades presentes nas aulas de Educação Física. Segundo Altmann (2015), outros fatores também devem ser considerados, como a intensidade da participação nas atividades corporais e a permanência nas vivências, entre outros aspectos.

Souza Júnior (2020, p. 47) corrobora essa perspectiva ao afirmar:

É preciso considerar, portanto, que o esporte, conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, tem em sua gênese e espraiamento a condição de se configurar como ferramenta de validação e legitimação de uma forma de masculinidade hegemônica, heteronormatizada e cisnormatizada.

A partir dessa reflexão, podemos perceber que a Educação Física, enquanto componente curricular, muitas vezes se estabelece através de uma condição fortemente vinculada à validação da masculinidade hegemônica. É importante reconhecer que a Educação Física pode, de fato, privilegiar alguns corpos e, ao mesmo tempo, entender sua potencialidade para desafiar e romper esse privilégio. Investir em uma práxis pedagógica que busque a equidade de gênero é reconhecer as desigualdades enraizadas e, conseqüentemente, trabalhar para superá-las.

Mediante esses fatores, podemos mais uma vez considerar que o gênero é um fator determinante na participação nas aulas de Educação Física. Nesse contexto, Louro (1995) afirma que: “Falar na perspectiva do gênero é mais do que uma opção teórica ou pedagógica; é uma opção política”. Quando abordamos as práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva de ação social, essas práticas podem tanto preservar a manutenção do *status quo* quanto promover uma transformação social. Essa transformação deve combater opressões e discriminações de forma efetiva e não apenas superficial.

É importante destacar que tudo em nosso meio social é político. Portanto, a politização é necessária para que a transformação social seja realmente uma possibilidade docente. Indubitavelmente, o gênero está presente dentro dos muros das escolas, tornando essencial uma práxis pedagógica que vise promover a equidade de gênero.

## **CAPÍTULO 2**

### **FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Este capítulo se inicia colocando em perspectiva os temas escolhidos para exploração em relação à formação inicial de professores em Educação Física. O debate sobre gênero e relações étnico-raciais está cada vez mais presente em várias esferas sociais, conectando-se também à defesa dos direitos humanos e da democracia no país. Constantemente, diferentes discursos se confrontam, refletindo um cenário de avanços e retrocessos na busca pela igualdade no Brasil (Soares; Monteiro, 2019).

No campo da sexualidade e gênero podemos destacar a decisão do Supremo Tribunal Federal que permitiu a transexuais e transgêneros alterar seus nomes no registro civil sem a necessidade de cirurgias. Igualmente relatamos o aumento das conquistas acadêmicas e das oportunidades de emprego para pessoas transexuais e travestis, frequentemente destacadas na mídia. A inclusão dessas temáticas em livros didáticos, literatura e exames de ingresso universitário, e o protagonismo de jovens mulheres em movimentos de ocupação escolar em todo o Brasil, que questionam a participação política e as disparidades de gênero, também são conquistas relevantes (Soares; Monteiro, 2019). A forma como os sistemas educacionais concebem e implementam a integração entre diversidade étnico-racial e educação está vinculada a filosofias pedagógicas, escolhas políticas e ideológicas, além das características específicas de cada sociedade. Isso resulta em objetivos e estratégias de atuação variados, gerando diferentes significados atribuídos à educação multicultural (Pinto, 1999).

Considerando a escola como um dos principais ambientes de socialização para crianças, jovens e adultos, é fundamental que a discussão sobre diversidade sexual e de gênero esteja presente no cotidiano escolar para alcançar os ideais democráticos e de direitos (Soares; Monteiro, 2019).

Sendo assim, podemos analisar como as questões de gênero e relações étnico-raciais se estruturam na formação docente, tanto de forma geral quanto

especificamente na formação de professores em Educação Física. Conforme Pinto (1999), alguns temas mais sensíveis e complexos não recebem o devido tratamento pedagógico aprofundado, o que resulta em uma fragmentação e diluição genérica do conteúdo.

Podemos analisar os desafios formativos, a partir da disciplina de didática e Educação Física, disciplina obrigatória na formação de professores e professoras de Educação Física. Nos valemos de Venâncio et al. (2021):

Assumimos a didática como uma disciplina fundamental para o exercício da docência, como referência crítica para tencionar e cotejar os marcos teóricos a partir das práticas educativas insurgentes e dos saberes originários nas realidades escolares. (p. 06).

Nesse sentido, a disciplina de didática em Educação Física quando associada a questões de justiça social possibilita a ampliação e compreensão de um processo de aprendizagem mais humanizado para os sujeitos que nele se fazem presentes, seja na escola, universidade ou até mesmo nas práticas educativas que se inserem na vida desses sujeitos.

Ao examinar a pesquisa de Paraíso (1997) sobre gênero na formação docente, podemos traçar um paralelo com fatores importantes levantados nessa pesquisa. Os episódios descritos revelam relatos de conflitos dos jovens em sala de aula, conflitos esses gerados a partir do demarcador social de gênero. Além de considerar o comportamento dos alunos em relação à questão de gênero, é crucial dar ênfase ao comportamento das professoras diante dos conflitos que surgem durante as aulas.

Paraíso (1997) relata que, em dois episódios de conflitos entre meninos e meninas, duas professoras ignoraram completamente a situação e não intervieram, continuando suas aulas como se nada estivesse acontecendo. Em outro episódio, uma terceira professora se envolveu no conflito entre um menino e uma menina. No entanto, ao participar ativamente da discussão e se sentir ameaçada, a professora acabou expulsando um dos alunos que proferia falas machistas. Apesar desse envolvimento, a professora não se dispôs a trabalhar o tema de gênero em suas aulas.

Segundo Paraíso (1997), há uma rigidez por parte das professoras em seguir o currículo formal, mesmo quando se deparam com temas que se aproximam da realidade escolar. Embora observem cotidianamente conflitos gerados pelo fator

gênero, essa acomodação em relação ao currículo as impede de abordar temas emergentes e relevantes em sua prática pedagógica.

Ainda sobre o estudo de Pinto (1999), podemos analisar brevemente como os professores universitários lidam com a temática das relações étnico-raciais em suas respectivas disciplinas (História, Biologia, Sociologia e Psicologia da Educação no Curso de Formação de Magistério). Os dados apresentados na pesquisa revelam que a maioria dos professores acredita que suas disciplinas podem, de alguma forma, contribuir para o desenvolvimento da temática das relações étnico-raciais.

Outro fator explorado na pesquisa refere-se ao tratamento metodológico, ou seja, como esses professores abordaram essa temática em suas aulas. Os dados indicam que a maioria dos professores buscaria uma aproximação com a realidade dos alunos, pautando suas reflexões em fatos do cotidiano (Pinto, 1999).

Na pesquisa de Pinto (1999), afirma-se que os professores enfrentam grande dificuldade ao trabalhar com o tema das relações étnico-raciais devido ao constrangimento e ao temor das reações que tais discussões podem provocar nos alunos. Outro ponto interessante mencionado na pesquisa é a preocupação específica com as reações desses temas quando há alunos negros na sala de aula. Esse fato confirma a falta de conhecimento sobre a importância desse tema para a construção de uma sociedade menos preconceituosa.

Aproximando os temas escolhidos com a formação de professores em Educação Física, começaremos com uma breve descrição da trajetória da Educação Física no Brasil.

Conforme Paiva (2004), podemos iniciar essa trajetória em meados do século XIX, quando a Educação Física tinha como foco principal a ginástica, com o objetivo de promover a saúde corporal dos indivíduos. Nesse período, a Educação Física era voltada para uma educação higienista.

No século XX, a Educação Física se rearranja, ainda com foco na ginástica, mas agora com uma intervenção militar. Assim, seu principal objetivo era produzir indivíduos fortes e saudáveis, com uma abordagem eugênica.

Ainda no século XX, a Educação Física passa por uma nova reconfiguração. A ginástica deixa de ser o único conhecimento aplicado nas aulas, dando espaço para

o método desportivo generalizado, que enfatiza os esportes ensinados por meio de jogos e valoriza o lúdico.

Na década de 1970, a Educação Física adota um novo método esportivo, com foco na aptidão física dos alunos e na aprendizagem motora dos movimentos de cada modalidade esportiva. Podemos, então, considerar que, nesses três primeiros momentos da Educação Física no contexto educacional brasileiro, não havia uma preocupação com as questões pedagógicas da área.

Nos anos de 1980, ocorreu uma importante transição do governo militar para o governo civil. A partir desse momento, as preocupações com a Educação Física escolar começam de fato a ganhar relevância (Benites; Souza Neto; Hunger, 2008).

Na perspectiva de Corrêa *et al.* (2016), a Educação Física no Brasil passa por significativas transformações, tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional. A legitimidade da área no contexto acadêmico foi fundamental para possibilitar sua prática profissional, conferindo à Educação Física a autonomia necessária para a produção intelectual.

Outro fator de grande importância foi a regulamentação da profissão, estabelecida pela Lei 9.696/98. Esta lei define a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física no Brasil (Corrêa *et al.*, 2016).

As diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Educação Física balizam as demandas em âmbito profissional e orientam a formação dos profissionais de Educação Física. Em um contexto mais amplo, espera-se que esses profissionais articulem, em sua prática docente, questões relacionadas à cultura, lazer, atividades recreativas e esportivas, entre outros aspectos. A ampla gama de competências que precisam ser desenvolvidas deve ser abordada de forma adequada e eficaz (Corrêa *et al.*, 2016).

Quando se trata da questão de gênero, a Educação Física muitas vezes reforça conhecimentos distorcidos, pois a cultura associada à disciplina frequentemente valoriza a pseudo-superioridade masculina. Isso ocorre devido ao fato de os meninos apresentarem maior desenvoltura em atividades físicas, o que é, na verdade, um reflexo de um repertório motor mais amplo adquirido a partir de um maior número de experiências. Essas experiências são frequentemente favorecidas pela valorização do

brincar no campo masculino, em contraste com o campo feminino, onde as meninas são frequentemente esperadas para serem delicadas e frágeis. As brincadeiras destinadas às meninas, em sua maioria, estão relacionadas ao cuidado doméstico e exigem menos do desenvolvimento motor (Cruz; Palmeira, 2009).

Outro fator destacado pelo estudo de Cruz e Palmeira (2009) refere-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a Educação Física. O documento reconhece a importância de intervenções pedagógicas voltadas para o ensino das relações de gênero. Os PCNs enfatizam a relevância de aulas mistas, que promovem um ambiente mais favorável e respeitoso para meninos e meninas, alinhando a Educação Física com uma abordagem que reconhece a cultura corporal de movimento como um objeto de estudo significativo para a área.

Bracht (1995) afirma que a Educação Física não deve ser considerada apenas como uma ciência ou uma filosofia, mas sim como uma prática pedagógica que emerge da ação do homem na sociedade. Daolio (1996), acrescenta que, ao inserir a cultura corporal de movimento como objeto de estudo na Educação Física, estamos lidando com uma área de conhecimento que se articula com as práticas relacionadas ao corpo e ao movimento. Portanto, se a Educação Física escolar aborda a cultura corporal de movimento, a atuação profissional do educador deve sistematizar o conhecimento que envolve essa cultura.

No entanto, é possível observar uma tradição cultural na qual a Educação Física escolar frequentemente reduz a abordagem do corpo humano ao seu aspecto biológico. Esse entendimento errôneo promove uma padronização dos processos educacionais que ignora o contexto cultural, social e socioeconômico dos indivíduos. Ao focar apenas no corpo biológico, a Educação Física tende a colocar todos os alunos sob uma mesma perspectiva, valorizando apenas as semelhanças biológicas e desconsiderando as diferenças culturais e sociais. Como resultado, a cultura corporal de movimento não é devidamente desenvolvida nas aulas. Essa limitação reflete uma falha na formação dos profissionais, que muitas vezes não é suficiente para atender às necessidades pedagógicas de uma prática que visa o desenvolvimento cultural além do biológico dos indivíduos. (Vasconcelos; Ferreira, 2020).

A partir de 2002, a formação docente passou por uma significativa reorientação, trazendo mudanças importantes nas caracterizações e definições dos critérios para a formação de professores. Nesse contexto, é crucial reconhecer o período da formação inicial como o momento essencial para que o profissional adquira os conhecimentos necessários para sua atuação (Barbosa-Rinaldi, 2008).

É na formação inicial de professores em Educação Física que os conhecimentos teóricos e práticos moldam as ações pedagógicas e as convicções dos futuros educadores no ambiente escolar (Silva; Krug, 2008). Considerando que os fundamentos teóricos e práticos sustentam essas ações pedagógicas, é também fundamental levar em conta os sujeitos e o contexto em que estão inseridos. Dessa forma, a prática pedagógica se torna mais eficaz e relevante para a vida dos alunos.

Conforme destaca Barbosa-Rinaldi (2008), observamos um paradigma hegemônico nos cursos de Educação Física, caracterizado por uma racionalidade técnica ou tecnológica (instrumental). Esse paradigma se reflete tanto na estruturação dos currículos quanto na ação pedagógica dos docentes. Como resultado, os conhecimentos são ministrados de uma forma que prioriza a técnica e o treinamento específico. Em uma Educação Física predominantemente técnica, valoriza-se o saber-fazer e o saber-ensinar, enquanto o conceito de "aprender a aprender" não é adequadamente integrado ao contexto educacional.

Outro fator valioso a ser explorado em relação a esse paradigma hegemônico dominante é a maneira como o processo cultural é tratado. Kincheloe (*apud* Rinaldi, 2008, p. 186) apontam que há "[...] um temor em relação à contextualização do processo cultural na formação de professores". Eles afirmam que, ao formar profissionais mais críticos que valorizem também a cultura e a sociedade, há o risco de romper com crenças, concepções e valores estabelecidos na formação profissional atual. Em outras palavras, uma Educação Física que transcenda a fundamentação técnica provoca receio, pois o novo é visto como incerto e ameaçador. Esse medo do desconhecido frequentemente leva ao conformismo, onde a manutenção do status quo parece ser mais conveniente.

Traçando um paralelo com a realidade escolar, Barbosa-Rinaldi (2008) afirma que há um despreparo por parte dos futuros professores devido ao caráter predominantemente instrumentalizador e técnico da formação docente oferecida.

Essa formação, baseada na racionalidade técnica, não prepara adequadamente os profissionais para desenvolver uma prática pedagógica autônoma e reflexiva. Como resultado, os professores acabam não estando aptos a integrar e aplicar de maneira coesa os conhecimentos adquiridos, levando a uma fragmentação significativa do conhecimento no ensino.

A identidade do professor está diretamente ligada à prática social, o que significa que a realidade educacional é marcada por incertezas, conflitos e complexidades. Dado que o conhecimento instrumental, embora importante, não pode abranger todas as situações únicas que surgem no contexto educacional, ele não deve ser a prioridade absoluta na formação docente. Como destaca Barbosa-Rinaldi (2008), as técnicas derivadas do conhecimento profissional são insuficientes para resolver todos os problemas que surgem na prática cotidiana dos educadores. Portanto, é essencial reconhecer que a identidade do professor de Educação Física está intrinsecamente relacionada à sua capacidade de se adaptar e evoluir. Assim, a prática educativa do professor deve ser continuamente ajustada para garantir que seja relevante e significativa para os alunos em seu processo de aprendizagem.

Ainda segundo a pesquisa de Barbosa-Rinaldi (2008), a importância de uma atuação profissional fundamentada em uma prática reflexiva é crucial. A reflexão não deve ser vista apenas como uma etapa do processo, mas como o ponto de partida e a linha de chegada da ação docente. Uma prática reflexiva na educação assegura que o ensino seja mais humanizado, pois leva em conta fatores como o contexto social e institucional. Considerar o coletivo significa reconhecer as desigualdades sociais resultantes de diversos marcadores sociais, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Esta construção é possível somente quando se valoriza uma formação docente que se baseia na reflexão crítica e contínua.

É válido ressaltar que, sem mudanças na formação profissional — especialmente na formação inicial — em relação às mentalidades hegemônicas, não se alcançará progresso significativo. Benites, Souza Neto e Hunger (2008) destacam que, embora o currículo cartesiano tenha representado avanços importantes no campo do conhecimento, essa perspectiva sozinha não é suficiente para os desafios contemporâneos. Os temas emergentes exigem um olhar que vá além do conhecimento técnico, incorporando uma abordagem que reconheça e valorize a

diversidade envolvida no processo educativo. É necessário buscar uma formação mais abrangente e menos individualista, que contemple as complexidades e diversidades presentes na realidade escolar.

## CAPÍTULO 3

### TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Como o objetivo do presente estudo foi identificar as percepções de graduandos e de graduandas de um curso de licenciatura em Educação Física sobre o desenvolvimento dos temas de gênero e relações étnico-raciais em seus percursos de formação inicial na graduação, buscamos, traçar as estratégias que foram utilizadas para discutir e relacionar os depoimentos dos universitários com as realidades sociais que se mostraram presentes no contexto escolar.

Tal estratégia esteve diretamente ligada à formação inicial desses estudantes. A investigação buscou, por meio das percepções dos estudantes, verificar se, em um futuro próximo, esses estudantes estariam com a formação em condições de mobilizar ações diante das desigualdades sociais que, inegavelmente, se fazem presentes no cotidiano escolar.

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

O trabalho em questão se pautou na pesquisa qualitativa, pois a mesma se estabeleceu a partir de um lugar onde se definiam amplas possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e, portanto, as relações sociais. Tal perspectiva se alinhou com a proposta investigativa que focou na temática gênero e relações étnico-raciais na formação inicial de professores em educação física, uma vez que se concentrou nas impressões, perspectivas e representações que as pessoas apresentaram sobre o assunto.

Dentro da abordagem qualitativa, o tipo de pesquisa que orientou esse estudo foi a pesquisa exploratória (Godoy, 1995). Essa pesquisa teve como característica buscar compreender e explorar um fenômeno ou questão de interesse, tendo como objetivo contribuir para a aproximação e familiarização com esse fenômeno pouco estudado ou pouco explorado. De acordo com Selltiz, Wrightsman e Cook (1965, p. 17): “[...] todos aqueles que procuram explorar ideias e intuições, com o objetivo de obter maior familiaridade com o fenômeno procurado, são do tipo exploratório”.

### 3.2 Participantes

Os participantes do estudo foram cinco estudantes da graduação do curso de licenciatura em Educação Física de uma Universidade Pública do interior de São Paulo, selecionados intencionalmente, considerando dois critérios de inclusão:

1. Estarem cursando o curso de licenciatura em Educação Física, envolvendo aqueles que já estavam próximos de sua conclusão;
- 2 Aceitarem participar do estudo após manifestação por escrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1)

A divulgação para a coleta de participantes foi feita pessoalmente, de sala em sala. Os participantes que demonstraram interesse em participar compartilharam seus dados para um contato futuro. Apesar do grande número de participantes interessados (aproximadamente 15 participantes), ao fim do período de coleta, que teve duração aproximada de um mês, somente cinco prosseguiram para, de fato, realizar a entrevista, como pode ser notado no Quadro 1.

Quadro 1: Dados dos participantes da pesquisa<sup>1</sup>

<b>Nome:*</b>	Bruna	Roberta	Julia	Leandro	Mariana
<b>Idade:</b>	22 anos	23 anos	24 anos	25 anos	23 anos
<b>Ano do curso:</b>	Ingressou em 2020	Ingressou em 2021	Ingressou em 2019	Ingressou em 2020	Ingressou em 2019
<b>Gênero:</b>	Mulher/Cis	Mulher/Cis	Mulher/Cis	Homem/Cis	Mulher/Cis
<b>Etnia:</b>	Branca	Branca	Branca	Branco	Branca

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.3 A coleta de dados

Etapa que foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada individual com cada participante, tratando de elementos mais aprofundados acerca do tema.

---

<sup>1\*</sup> Nomes fictícios.

De acordo com Negrine (2010), a entrevista se caracteriza por uma comunicação direta entre pesquisador e participante, que se configura necessariamente como um contato. Trata-se de uma interação em tempo real, que pode ser realizada presencialmente ou não. Ressaltamos a dimensão espacial, que possibilita dois tipos de entrevistas: as presenciais e aquelas à distância. Para esse trabalho a entrevista síncrona/à distância se tornou favorável, pois facilitou e agilizou os encontros entre entrevistadora e participante.

Estas entrevistas foram realizadas via Google Meet e gravadas, com a utilização do recurso oferecido pelo Google. Foi utilizado um roteiro de questões para balizar a interação entre a entrevistadora e a pessoa participante. As entrevistas tiveram um tempo médio de 20 minutos e foram realizadas do dia 20/06/2024 até 18/07/2024.

O roteiro da entrevista pode ser identificado nas questões a seguir:

- 01- Como futuro(a) professor(a) de Educação Física você acha que enfrentará situações relacionadas ao gênero e às questões étnico-raciais em suas aulas? Por quê? Dê exemplos dessas situações.
- 02- Para você, há diferença entre gênero e sexo? Por quê?
- 03- O que você entende por questões étnico-raciais?
- 04- Em seu curso de licenciatura em Educação Física você teve acesso à reflexões e abordagens sobre gênero e questões étnico-raciais? Se sim, em quais disciplinas do seu curso? Quais foram essas reflexões?
- 05- Como você avalia a formação que seu curso de licenciatura vem lhe oferecendo sobre gênero e as questões étnico-raciais? Por quê?
- 06- Você acredita que se, no presente momento, tivesse que assumir uma turma na escola, você estaria preparado(a) para envolver as questões de gênero e étnico-raciais em suas aulas? Por quê?
- 07- Pensando em seu curso de licenciatura de Educação Física, caso pudesse modificar o currículo, o que você sugeriria para as questões de gênero e étnico-raciais? Por quê?

As transcrições literais das entrevistas realizadas podem ser acessadas no Apêndice 2.

### **3.4 Análise dos dados**

A análise foi realizada de maneira qualitativa, envolvendo uma perspectiva indutiva para a construção das conjecturas e considerações, com base nos seguintes procedimentos:

- a) Leitura aprofundada dos dados revelados na entrevista;
- b) Identificação de categorias de análise que fossem representativas e reunissem os dados que se aproximavam;
- c) Os dados resultantes foram interpretados considerando os conhecimentos acumulados nas áreas e discutidos em relação aos objetivos da pesquisa.

## CAPÍTULO 4

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após uma análise detalhada da leitura dos resultados, foram discernidas as seguintes categorias de análise: 1. Apropriações conceituais e ações como futuro/a docente: gênero e questões étnico-raciais; 2. Reflexões sobre o curso de formação inicial de professores/as de Educação Física acerca das temáticas gênero e relações étnico-raciais; 3. Desafios e possibilidades das questões de gênero e étnico-raciais na formação de professores em Educação Física.

A seguir, estas categorias serão exploradas em maior profundidade.

#### **4.1 Apropriações conceituais e ações como futuro/a docente: gênero e questões étnico-raciais**

Esta categoria coloca em perspectiva a apropriação conceitual e ações futuras, como docente, com relação às questões de gênero e étnico-raciais no âmbito da formação inicial de professores de Educação Física.

Ganha relevo a fala da graduanda Bruna: “Pelo estágio que eu presenciei, eu não tive muitas questões étnico-raciais, até porque sempre foram super tranquilos os alunos”. Tal fala me surpreendeu e me fez questionar se a educação para as relações étnico-raciais se dá somente em momentos de conflitos. A fala da graduanda sugere que essa temática só deve ser tratada quando houver conflitos, entretanto, a educação para as relações étnico-raciais deve integrar os currículos para que ocorra uma transformação social e não apenas em momentos em que os conflitos são estabelecidos.

De acordo com Petry e Da Veiga (2018), podemos refletir sobre as diversas facetas do racismo, especialmente o racismo velado. Esse tipo de racismo se manifesta em uma reprodução rotineira e difícil de ser identificada, pois trata-se de um sistema de violações, e não apenas de uma ação concreta. Na fala da graduanda ela afirma não ter presenciado cenas nas quais viu situações concretas de desigualdades

raciais entre os alunos, relatando que os alunos eram bem tranquilos. Entretanto, conforme afirma Pereira (2001):

Países há, como o Brasil, onde o racismo é difuso e não explicitado; ora se manifesta, ora não; ora se manifesta de uma forma, ora de outra; quase sempre obedece a um código moral que, decalcado em subterfúgios, procura negar a existência do próprio racismo, embora haja também setores sociais preocupados em desnudar o avesso desse código que insiste em esconder a desigualdade debaixo da diversidade (p. 173).

A partir dessa reflexão, ponderamos que ainda estamos longe de superar as desigualdades raciais no contexto brasileiro. Outrossim, não descartamos a possibilidade de que a afirmação da graduanda possa refletir uma determinada realidade, mas, com base nas afirmações dos teóricos mencionados, que indicam que o racismo se manifesta de diferentes maneiras e dificulta sua percepção, sugerimos que ela pode não ter percebido essas manifestações em sua observação.

Em conjunto com a fala da graduanda Bruna, destacamos também a afirmação do graduando Leandro: “A capoeira foi trazida por escravos, então por que vai ter essa questão de brincadeira, de querer zoar o amiguinho e tal?”. A fala do Leandro ilustra questões de grande importância. Ao analisar essa fala percebo alguns fatores que nos servem de reflexão, o graduando menciona em sua fala o termo “escravos” termo esse que não se faz interessante ao se direcionar ao grupo de pessoas que foram brutalmente violentadas por séculos e retirados contra a sua vontade de seus respectivos lares, a terminologia mais pertinente seria “escravizados”, pois ninguém nasce escravo essas pessoas em questão foram escravizadas. Embora, à primeira vista, isso possa não revelar muito, a falta de compreensão da terminologia correta reflete o desconhecimento dele em relação às questões raciais. Para esclarecer tais terminologias, nos valem de Carvalho, Vieira e Botelho (2021):

[...] Quanto ao uso do termo escravo, tem-se uma naturalização da situação. Utilizando-se desse termo, fica a noção de que o cativo é o culpado pela sua condição de submissão e inferioridade. A sua condição não é transitória; é uma condição de vida, portanto, natural (p. 112).

A utilização incorreta da terminologia revela muito quando a relacionamos ao estudo citado. Existe uma complexidade envolvida no uso do termo "escravo". Mesmo de forma indireta, ele revela a falta de familiaridade do graduando com a brutal história

da colonização e os reflexos dessa história que ainda se manifestam na sociedade brasileira. Outro aspecto se relaciona à redução do racismo a uma simples "brincadeirinha" ou "zoeira", entendo que o que possa ter ocorrido aqui seja somente uma colocação errônea do mesmo em relação ao tema, em contrapartida, tais relatos revelam uma superficialidade em relação ao assunto abordado. Outro fator que pode ser explorado a partir da fala do graduando é o racismo recreativo, nos valem de Moreira (2018):

O racismo recreativo opera a partir de alguns mecanismos que precisam ser examinados detalhadamente. Primeiro ele não pode ser interpretado apenas como um tipo de comportamento individual, produto da falta de sensibilidade de um indivíduo em relação a outro. O racismo significa neste contexto um sistema de dominação e isto significa que atos racistas operam de acordo com uma lógica e com um propósito que transcendem a motivação individual. Práticas racistas devem ser compreendidas dentro de um esquema no qual membros do grupo racial dominante atuam com o objetivo de legitimar as formas de manutenção do status privilegiado que sempre possuíram. O que estamos chamando de racismo recreativo deve ser interpretado como um projeto de dominação racial que opera de acordo com premissas específicas da cultura pública brasileira. Embora ele esteja baseado na noção de inferioridade moral de minorias raciais, ele está associado a um aspecto da doutrina racial brasileira que procura mitigar a relevância prática social: a ideia de cordialidade essencial do nosso povo. (p. 100).

Conforme afirmam Figueiredo e Grosfoguel (2009), podemos refletir sobre o fenômeno em que o povo brasileiro reconhece as desigualdades raciais no Brasil, mas nega a existência do racismo. O racismo afeta profundamente a vida daqueles que são vítimas de discriminação e preconceito, impactando seu desempenho escolar, expectativa de vida e desenvolvimento profissional. Reduzir o racismo a uma simples brincadeira é minimizar o impacto social que ele tem na vida dessas pessoas.

Ainda sobre as relações étnico-raciais, graduanda Bruna assinala:

Bom, as questões étnico-raciais falam muito sobre a etnia de cada... vou colocar aluno aqui, a gente sempre fala na etnia dos africanos, dos negros, dos pretos, que são de periferia, que é... estão sempre, vamos falar assim, estão sempre no mau caminho. E as questões étnico-raciais falam principalmente do preconceito da raça e da etnia de cada pessoa.

Essa fala da graduanda, ela nos traz algumas reflexões acerca do que foi dito, em seu exemplo, ela pressupõe que grande parte da sociedade enxerga as pessoas negras sempre como perigosas ou ruins, apesar da breve fala da graduanda, essa

fala nos indica que a mesma compreende haver um pré julgamento por grande parte da sociedade em relação às pessoas negras sempre às colocando como perigosas, o que nos revela o racismo velado, aquele discreto, difícil de ser identificado. Ela encerra sua fala reforçando mais uma vez o preconceito que existe quando pensamos em raça e etnia.

Uma narrativa que contribui para alimentar os estereótipos sobre as pessoas negras que, ao serem rotuladas deixam de ter a oportunidade de mostrarem suas verdadeiras identidades ou qualidades (Beccari, 2005).

Outro conceito que se mostrou confuso entre os/as graduandos/as foi o de gênero. Ao solicitar que definissem o conceito, muitos demonstraram dificuldade e se distanciaram de um entendimento mais preciso e atualizado. Um exemplo ilustrativo é a fala da graduanda Roberta: “Então, eu acho que tem, mas eu não sei dizer o porquê, o porquê exato. Mas pra mim, gênero é uma coisa que você escolhe, mas sexo também, porque tem pessoas transgêneras. Então, tipo assim, eu realmente não sei falar sobre”. Essa fala da Roberta, nos revela alguns fatores, primeiramente podemos refletir, como por exemplo, ela colocar o gênero como algo que pode ser escolhido, gênero é uma identidade não uma escolha, podemos considerar então a partir da fala da graduanda a falta de proximidade dos conceitos com a realidade que ela está inserida, se desejamos em algum momento avançar para uma educação mais igualitária, precisamos primeiramente aproximar esses temas sensíveis até mesmo para aqueles que estão completamente distantes de tal realidade.

Destaco também a falta de familiaridade quando se trata da distinção entre gênero e sexo, bem como a complexidade subjacente à compreensão das identidades de gênero. O desafio em articular uma definição coerente, porém, também destaca a necessidade urgente de uma abordagem mais robusta e consistente sobre o ensino desses conceitos; dessa forma, os graduandos poderiam problematizar suas concepções/representações e identificar outras composições conceituais de modo que isso pudesse trazer outras formas de agir quando estiverem no papel docente. A atribuição de gênero não é uma “escolha”, no sentido de que se possa escolher uma identidade inteiramente arbitrária, mas sim um elemento central da própria identidade que pode ou não corresponder à designação do sexo.

Para esclarecer o conceito de gênero, nos valem de Louro (1995):

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos (p. 103).

Essas relações não são naturais, mas sim moldadas por contextos históricos e culturais específicos. A compreensão adequada desse conceito é crucial para uma análise crítica das dinâmicas de poder e desigualdades presentes em nossa sociedade. Reconhecer que o gênero é uma construção social permite questionar e transformar as normas e expectativas rígidas que moldam as experiências e oportunidades de indivíduos de diferentes gêneros.

A categoria em questão reforça a importância de uma formação docente que valorize a diversidade e promova a equidade social, abordando gênero e relações étnico-raciais de forma consistente. O desafio está em superar a matriz curricular fragmentada e promover uma educação que reconheça e valorize as diferenças, formando profissionais capacitados para lidar com essas questões em suas práticas.

#### **4.2 Reflexões sobre o curso de formação inicial de professores/as de Educação Física acerca das temáticas gênero e relações étnico-raciais**

A presente categoria tem como objetivo estabelecer reflexões sobre o curso de formação inicial de Licenciatura em Educação Física relacionadas às relações de gênero e étnico-raciais.

As narrativas dos/as entrevistados/as revelaram uma congruência sobre as mesmas disciplinas que problematizaram as questões de gênero e étnico-raciais ao longo do curso. Dentre essas disciplinas, notamos um envolvimento de um número restrito de professores/as que vêm abordando essas temáticas nas aulas. Ainda assim, reconhecemos que, devido, eventualmente, a sentimento de ansiedade e/ou nervosismo durante as entrevistas, algumas memórias possam ter sido esquecidas. Todavia, identificamos a recorrência dos mesmos nomes de docentes e disciplinas, entre o/as entrevistado/as, sugerindo que essas têm sido, de fato, aquelas que mais

influenciaram a formação desses futuros professores sobre as relações de gênero e étnico-raciais.

A escassez de docentes que abordam tais temas nos cursos de formação inicial de professores, segundo Canen (2001), pode revelar enfrentamentos na universidade para o desenvolvimento de uma formação que valorize a diversidade cultural, com dificuldades para pensar em formas de incorporar e valorizar as identidades diversas nas práticas curriculares. Não é surpreendente que as professoras citadas pelos alunos integrem parte dessa pluralidade cultural: são todas mulheres, incluindo uma mulher negra que, além de enfrentar o recorte de gênero em sua experiência de vida, também lida com o recorte racial. Reforçamos essa reflexão trazendo à tona o conceito de empatia apresentado por Ribeiro (citado por Berth, 2020, p. 40):

Empatia não é um sentimento que pode acometer um indivíduo um dia, outro não, e sim uma construção intelectual que demanda esforço e disponibilidade para aprender e ouvir. Tão mais empática a pessoa será quanto mais ela conhecer a realidade que denuncia a opressão.

Ainda sobre o curso de formação inicial, os graduandos apontaram, em suas reflexões, que identificam uma grande distinção na matriz curricular no tocante ao tratamento das relações de gênero e étnico-raciais no interior das disciplinas.

O currículo do curso se organiza em duas partes. A primeira, denominada tronco comum, com a duração de dois anos e meio para o período integral e três anos para o período noturno, durante os quais alunos/as do bacharelado e da licenciatura cursam disciplinas em comum juntos/as. A segunda parte é a específica, na qual a turma se divide, com a duração de um ano e meio para o período integral e dois anos para o noturno, completando assim a duração total do curso de quatro (integral) e cinco anos (noturno).

Para os/as entrevistados/as parece haver uma clara distinção dos momentos do curso e da ênfase da formação (bacharelado ou licenciatura) nos quais as temáticas gênero e relações étnico-raciais ganham relevo:

Acho que mais nessas matérias que a gente pega de licenciatura, fala bastante sobre isso. (Leandro).  
Principalmente as professoras da licenciatura fazem bastante coisa para conseguir ajudar. (Mariana).

Alguns outros professores, a maioria deles, principalmente do bacharel, que a gente tem a grade comum, eles nunca nem tocam nesses assuntos e ficam mais com a parte biológica mesmo. (Bruna).

O comentário da Bruna reforça mais uma vez a falta preocupação dos demais docentes em relação a esses temas sensíveis trabalhados por somente uma parcela do corpo docente, parcela essa que coincidentemente integra os demarcadores sociais aqui pesquisados, o que me faz questionar, se essas professoras não integrassem o corpo docente do departamento, arrisco dizer que não teríamos nenhum contato com tais fatores sociais.

Como podemos perceber a abordagem das relações de gênero e étnico-raciais são potencializadas nos anos específicos do curso de Licenciatura, quando ocorre a separação e especificação da grade.

Segundo Santomé (1997 citado por Pinto, 1999), embora todas as disciplinas de um curso de formação de professores tenham aspectos que possam abordar as questões de justiça social e diversidade, o desafio está em valorizar tais conteúdos com a perspectiva de trabalhá-los de um modo que o/a graduando/a possa estabelecer relações e ampliar o conhecimento sobre o assunto.

No interior dessas específicas disciplinas onde a temática gênero e relações étnico-raciais são trabalhadas, foram destacados aspectos igualmente relevantes, como: “Faltam atividades que a gente consiga realmente interligar o que a gente vê na teoria”. Esse alerta parece sinalizar para um ensino que articule a aprendizagem teórica com a prática profissional. Para Bracht (1995), a Educação Física não deve ser considerada apenas como ciência ou filosofia, mas como uma prática que emerge da ação da humanidade na sociedade. Em outras palavras, a Educação Física não deve ser nem pensamento sem movimento, nem movimento sem pensamento.

Ainda sobre o curso de formação inicial, em uma das questões estruturadas no roteiro de entrevista, os/as graduandos/as, em sua maioria, atribuíram uma nota 7,5 para o curso em relação à formação oferecida sobre gênero e relações étnico-raciais. Uma graduanda, Júlia, atribuiu nota quatro ao curso e comentou: “Sinceramente, eu avalio questões de gênero e étnico-raciais com a nota 4. Uma nota baixa, porque não é um assunto muito debatido, eu acho”. A graduanda em questão expõe em seu comentário uma grande insatisfação ao considerar os temas de gênero e étnico-raciais

em sua formação, ela acrescenta em sua fala que os assuntos são tratados sim em sala de aula, mas sempre de forma superficial faltando um aprofundamento para que de fato esses temas sejam compreendidos e assimilados.

No relato de Ana, há dois pontos que, para nós, merecem destaque. O primeiro refere-se ao fato de ela não se sentir preparada com os conhecimentos adquiridos no ensino superior sobre as temáticas de gênero e étnico-raciais, caso tivesse que trabalhar essas questões ao assumir uma turma na escola. O segundo ponto que me chamou a atenção é o fato dela mencionar não estar preparada para abordar as questões étnico-raciais em suas aulas, somente a questão de gênero e ainda sim a partir de um repertório que ela construiu para além da faculdade.

Bom, eu acho que em partes eu conseguiria resolver e envolver as questões de gênero, mas assim, não muito por conta do que a faculdade me preparou, mas sim mais pelo que a sociedade prepara a gente, sobre o que eu pesquiso por fora, sobre o que aparece na mídia; a gente sempre está mais preparado conforme. E nas questões étnico-raciais, eu acho que nem tanto.

Para Barbosa-Rinaldi (2008), a importância de uma atuação profissional fundamentada em uma prática reflexiva é crucial. Embora esses temas sejam abordados na formação inicial, a fala dos/as graduandos/as indica uma carência de aprofundamento, o que sugere que esses temas não são totalmente compreendidos e apropriados pelos futuros professores. Isso ressalta a necessidade de uma formação inicial que prepare profissionais para fundamentar suas práticas docentes em uma ação reflexiva. Uma ação reflexiva que se preocupe com um ensino mais humanizado, no qual fatores como gênero e questões étnico-raciais tenham relevo em prol de um ambiente educacional mais acolhedor.

Sobre a ação pedagógica no papel de docente e sua relação com as questões de gênero e étnico-raciais, evidenciamos alguns relatos.

Eu acredito que sim. Pode ser que eu tenha algumas dificuldades, isso seria normal para quem está entrando agora, mas eu acredito que eu já absorvi bastante da faculdade. (Leandro).

O graduando em questão afirmou estar preparado para abordar os temas em suas aulas, mesmo que ele encontre dificuldades, mas o mesmo alega ter absorvido bons conhecimentos em relação aos temas a partir da faculdade.

Sim, eu acho que eu estaria. Porque, principalmente nas questões étnico-raciais, estudei muito sobre. Óbvio que sempre pesquisando e aumentando o repertório para lidar exclusivamente com uma faixa etária, esse assunto, mas eu acho que eu conseguiria. (Roberta).

A graduanda afirmou se sentir preparada para abordar principalmente as questões étnico-raciais em suas aulas, pois tem um amplo repertório sobre, pois a mesma alega ter estudado muito sobre, em sua fala ela ressalta a importância de sempre estar pesquisando sobre para aumentar o repertório e também a importância de cada faixa etária precisar de uma aula exclusiva sobre os temas.

Eu acho que eu conseguiria envolver questões de gênero e questões étnico-raciais na aula, só que eu teria que ver como é aquela turma, como eles se relacionam com outros professores, como eles vão se relacionar comigo, porque tem toda a questão de aparência, apresentação e tudo mais, por eu ser mulher também. Então são questões que eu conseguiria trabalhar. (Mariana).

A graduanda disse conseguir sim envolver as questões em sua aula, mas expõe uma preocupação em relação a como os alunos iriam lidar com essas questões, preocupação essa muito válida, ela reforça em sua fala o fato dela ser mulher e ter uma aproximação com as questões pesquisadas, reforçando conseguir trabalhar essas questões em suas aulas.

Os relatos aqui apresentados são de três graduandos/as entrevistados/as que alegam se sentirem preparados para lidar com as questões de gênero e étnico-raciais, mesmo que sintam algumas inseguranças.

Conforme Pinto (1999), alguns temas mais sensíveis e complexos não recebem o devido tratamento pedagógico aprofundado, o que resulta em uma fragmentação e diluição genérica do conteúdo. A narrativa de Mariana revelou que:

Pensando, dando enfoque principalmente nisso, eu acho que, como eu falei, eu não mudaria muitas coisas, porque a gente pontua e aborda muito sobre isso no curso. Eu só daria um aprofundamento maior. Eu acho que essas questões já deveriam ser pautadas desde o começo do curso, mas elas acabam sendo pautadas e aprofundadas no terceiro ano.

O relato da Mariana ilustra parte do que não vem ocorrendo em sua formação inicial. Como afirma Pinto (1999), um tratamento pedagógico raso em relação a temas

sensíveis, como gênero e relações étnico-raciais, resulta em uma ampla fragmentação do conteúdo, não sendo assim, significativo para o processo de aprendizagem.

A categoria em questão evidencia a necessidade de uma formação docente que valorize a diversidade e promova equidade social. Superar a fragmentação curricular e ampliar o número de docentes engajados com essas temáticas são passos fundamentais para garantir um ensino mais humanizado e inclusivo, preparando futuros professores para lidar com a diversidade nas escolas.

#### **4. 3 Desafios e possibilidades das questões de gênero e étnico-raciais na formação de professores em Educação Física**

Esta categoria busca explorar os desafios enfrentados na formação inicial, bem como as possibilidades percebidas pelos alunos para integrar questões de gênero e étnico-raciais no currículo de Educação Física. Para iniciar destaco essa fala:

Eu acho que devia ter um pouquinho, pelo menos um pouquinho disso, todas as matérias que a gente tem na faculdade e ter um pouquinho disso também em todas as matérias do currículo. (Bruna)

Apesar da dificuldade que ela tem em formular um pensamento mais detalhado sobre o que foi questionado, fica nítido em sua resposta que acredita que todas as matérias do curso deveriam abordar tais questões. Bruna avalia, em sua trajetória de aprendizagem, a necessidade de que, em todas as disciplinas do curso, haja pelo menos um momento em que as questões de gênero e étnico-raciais possam ser discutidas. Embora ela não expresse isso com precisão em sua fala, supomos a necessidade de uma maior constância no desenvolvimento desses temas, ressaltando que o tratamento das identidades, culturas e outras dimensões da diversidade no processo de ensino e aprendizagem é fundamental, especialmente em uma sociedade que muitas vezes é caracterizada por exclusão e discriminação (LEAL et al., 2024).

Reconhecemos que incluir essas duas temáticas em todas as disciplinas do curso pode ser um desafio, entretanto a maioria delas pode disponibilizar espaços para abordar pelo menos uma dessas questões. Cabe ao docente estruturar em seu

plano de ensino conteúdos que permitam problematizar essas perspectivas em âmbito social.

Olha, agora refletindo sobre isso, eu acho que seria importante, sim, nós termos uma disciplina que abordasse sobre isso em si. Porque, como eu falei anteriormente, são sempre debatidas questões muito superficiais, nunca aprofundadas. Eu acho que seria, sim, importante ter uma disciplina. (Julia)

Em sua fala, a graduanda ressaltou mais uma vez a importância de um aprofundamento sobre os temas, apontando a necessidade da inserção de uma disciplina que trate especificamente das questões de gênero e étnico-raciais. Para ela, essa seria uma alteração no currículo que ajudaria a compreender melhor as questões envolvidas neste trabalho.

Embora a ideia da graduanda seja válida, no sentido de que uma disciplina específica para debater essas questões possa propiciar um aprofundamento maior, a integração curricular pode ficar comprometida, contribuindo para a invisibilidade das temáticas como entrecruzamentos de outras tantas disciplinas do curso.

Ainda que seja relevante uma disciplina dedicada a essas temáticas, no momento, parece se mostrar mais necessária a construção de um currículo que seja harmônico ao desenvolver tais temas com aprofundamento. Ou seja, é fundamental que as demais disciplinas do curso também abordem essas questões. Nos valem de Leal, Ferreira e Brito (2024):

Nesse sentido, é inegável a necessidade de os professores terem acesso e se apropriarem desses conhecimentos durante sua formação inicial e contínua, para que estejam preparados para abordar de forma adequada as complexas temáticas das relações étnico-raciais. (p. 19).

Em seguida destaco a fala da graduanda Roberta:

Na faculdade eu não mudaria, eu não modificaria, porque eu acho que ele é bem completo, principalmente por até matérias que não são sobre, as professoras e professores trazem assuntos sobre. (Roberta).

A graduanda aponta uma perspectiva que difere da dos demais graduandos. Sua fala sugere que ela considera o currículo do curso suficientemente abrangente em relação às questões de gênero e étnico-raciais. Enquanto os outros graduandos

mencionam a necessidade de reavaliar a forma como essas questões são desenvolvidas durante a graduação. Para Roberta afirma não haveria necessidade de quaisquer alterações no currículo, pois entende que, em sua experiência em relação a essas questões, teve um bom aproveitamento.

Embora as opiniões tenham se mostrado variadas, houve um consenso sobre a importância das temáticas. A solução mais harmoniosa parece ser a criação de um currículo que, além de possibilitar um espaço dedicado ao aprofundamento, integre de forma contínua e interdisciplinar os debates sobre gênero e étnico-raciais em diversas disciplinas, promovendo reflexões abrangentes e consistentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos a discussão com o objetivo do estudo que foi identificar as percepções de graduandos e de graduandas de um curso de licenciatura em Educação Física sobre o desenvolvimento dos temas de gênero e relações étnico-raciais em seus percursos de formação inicial na graduação, percebemos que, embora as questões de gênero e étnico-raciais sejam abordadas em algumas aulas, os alunos relatam constantemente, em suas falas, a falta de aprofundamento didático quando questionados sobre os temas sensíveis aqui pesquisados. Há também um número restrito de docentes que realmente abordam esses temas em suas aulas. Sendo assim, dificuldades foram apontadas pelos discentes em sua formação, especialmente quando ligadas às questões de gênero e étnico-raciais.

Tais dificuldades emergem da falta de constância com que os temas são trabalhados, mais especificamente, como apontam os discentes, os temas são melhores trabalhados ao final do curso. Ressalto, mais uma vez, que apenas algumas docentes realmente trazem em suas aulas uma abordagem significativa para a formação desses alunos, o que é muito importante, mas acaba não sendo suficiente para a qualificação profissional desses discentes em relação a esses temas sensíveis.

É inegável que a formação inicial de professores em Educação Física carece de um desenvolvimento maior em torno dos temas aqui mencionados. Faz-se uma crítica àqueles docentes que não se preocupam em incluir essas questões em suas aulas, e não àqueles que o fazem. Ressalto mais uma vez que, independentemente da disciplina, há a possibilidade de abordar as questões de justiça social. Cabe ao docente integrar essas questões de forma que haja valorização e ampliação dos saberes quando integrados a essas temáticas.

Ainda que este trabalho revele pontos a melhorar na formação inicial de professores em Educação Física, não podemos ignorar a maior limitação do estudo: o número de participantes. Embora os resultados dos entrevistados corroborem a falta de desenvolvimento acerca das temáticas aqui abordadas, reconhecemos que tais

resultados podem não representar adequadamente a experiência e a perspectiva de todos que ingressam no curso.

Ao desenvolver este estudo, percebemos que ele nos revela questões importantes. Ressalto a importância de novos estudos que busquem investigar essas questões na formação inicial de professores em todas as áreas do conhecimento, para que, através disso, seja possível o aprofundamento dessas questões sociais desde o início da formação dos futuros profissionais da educação.

Pensando em minha formação, quando reflito sobre essas questões desenvolvidas neste estudo, percebo que, de fato, há uma lacuna muito grande. Ao olhar para a formação que me foi fornecida, noto que poucas vezes docentes buscam aprofundar essas questões em suas aulas. Ainda que isso aconteça, olho para minha formação como futura professora de Educação Física e me vejo envolvendo essas questões de justiça social em todas as minhas turmas, sem exceção. Isso se deve, em grande parte, ao trabalho dessas docentes em suas aulas, mas também ao fato de que as questões de gênero e étnico-raciais atravessam o meu existir.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. **História do movimento negro no Brasil**: constituição de acervo de entrevistas de história oral. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2007.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar**: relações de gênero em jogo. Cortez Editora, 2015.
- DO AMARAL MADUREIRA, Ana Flávia; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. **Movimento**, v. 14, n. 3, p. 185-207, 2008.
- BECCARI, Cristina Baida. **Discriminação social, racial e de gênero no Brasil**. DireitoNet, 2005. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1991/Discriminacao-social-racial-e-de-genero-no-Brasil>. Acesso em: 12 de ago. 2024.
- BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel de. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Educação e pesquisa**, v. 34, n. 02, p. 343-360, 2008.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. 2. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Jadaíra, 2020.
- BRACHT, Valter. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta "o que é Educação Física". **Movimento**, v. 2, n. 2, 1995.
- CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. **Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte**, p. 142-150, 2000.
- CARVALHO, Carolina Vieira; BOTELHO, Rafael Lucas Barros; RASSI, Marcos Antônio Caixeta. Escravo x escravizado: reflexões sobre a escravização. **Pergaminho**, n. 12, p. 106-115, 2021.
- CORRÊA, Evandro Antonio et al. A constituição dos cursos de formação inicial em Educação Física no Brasil. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 24, n. 1, p. 27-42, 2016.
- CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 116-131, 2009.
- DAOLIO, Jocimar. Educação física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 40-42, 1996.
- DE SOUZA SILVA, César Adonay Benjamin; PEREIRA, Luiz Ismael. O racismo recreativo 30 anos após a publicação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Revista de Direito**, v. 13, n. 2, p. 1-32, 2021.

FIGUEIREDO, Ângela; GROSFUGUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, v. 12, n. 2, p. 223-234, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, p. 40-51, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, Vicente. M; TRIVIÑOS, Augusto. N. S. (Org). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 3º ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEAL, Catiana Nery; FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade; BRITO, Rafael Casaes de. As relações étnico-raciais no currículo de Ciências e Educação Física: apontamentos teóricos. **Série-Estudos**, v. 29, n. 66, p. 5-24, 2024.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. e023141-e023141, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estudos CEBRAP**, p. 107-123, 2006.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

PARÁISO, Marlucy Alves. Gênero na formação docente: campo de silêncio do currículo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 102, p. 23-45, 1997.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Notas para pensar a Educação Física a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, v. 22, n. numeroespecial, p. 51-82, 2004.

PEREIRA, João Baptista Borges. Diversidade, racismo e educação. **Revista USP**, n. 50, p. 169-177, 2001.

PETRY, Caroline; DA VEIGA DIAS, Felipe. O Racismo Velado sob a ótica da teoria do etiquetamento e cifra oculta. **Anais...** XII Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e XI Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação IMED, 2018.

PINTO, Regina Pahim. Diferenças étnico-raciais e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, p. 199-231, 1999.

PIRES, Joice Vigil Lopes; DA SILVA SOUZA, Maristela. Educação física e a aplicação da Lei nº 10.639/03: análise da legalidade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em uma escola municipal do RS. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 193-204, 2015.

POMIN, Fabiana; CAFÉ, Lucas Santos. Educação para as relações étnico-raciais na Educação Física para além da capoeira. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, 2020.

RAIMUNDO, Alessandra Cristina; TERRA, Dinah Vasconcellos. Resistência na educação infantil: a história de Sophia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, 2021.

SILVA, Alexandra Rosa; KRUG, Hugo Norberto. A formação inicial do professor de educação física: revisitando os saberes para o exercício da docência. **Lectura: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires**, v. 13, p. 121, 2008.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em revista**, v. 35, n. 73, p. 287-305, 2019.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores. In: WENETZ, Ileana ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. **Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE: Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**, EdUFRN, Natal, 2020, p. 47-63.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, v. 36, p. e209700, 2020.

VENÂNCIO, Luciana et al. Temas e desafios (auto)formativos para professores de educação física à luz da didática e da justiça social. **Cenas Educacionais**, Caetité, v. 4, n.10, p. 1-40, 2021.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE

Prezado(a) discente. Você está sendo convidado(a) a participar do estudo "GÊNERO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA", elaborado pela aluna Maria Luiza Miranda Paulino da Silva, orientada pela Prof. Dr(a). Lilian Aparecida Ferreira, vinculadas ao curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", no município de Bauru-SP.

O presente estudo tem por objetivo identificar a relação dos estudantes de Educação Física com marcadores sociais, gênero e relações étnico-raciais.

A escolha do tema se deu devido ao relevo em compreender como os marcadores sociais, gênero e relações étnico-raciais têm sido percebidos e envolvidos na formação inicial e nas reflexões de futuros docentes de Educação Física.

Os dados coletados serão interpretados de forma qualitativa (analisando e interpretando as respostas coletadas). Os resultados serão comparados com a literatura considerando os conhecimentos acumulados nas áreas e discutidos em relação aos objetivos da pesquisa.

Você tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer tipo de penalização. Reforço que esta pesquisa apresenta riscos mínimos à sua saúde, ligados a eventuais desconfortos para responder às questões da entrevista. Apesar disso oferecemos todo suporte necessário, garantimos sigilo absoluto dos dados coletados, em nenhuma hipótese, seus dados pessoais (nome e e-mail) serão divulgados.

Diante das explicações você acha que está suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar?

( ) Sim ( ) Não

Nome completo:

Assinatura:

## APÊNDICE 2

### Transcrições completas das entrevistas

**01- Como futuro(a) professor(a) de Educação Física você acha que enfrentará situações relacionadas ao gênero e às questões etnico-raciais em suas aulas? Por que? Dê exemplos dessas situações.**

Graduando LEANDRO 1: Bom, primeiramente, eu acho que sim, né? Porque a gente sabe que o mundo mudou bastante, né? Ultimamente. Então, hoje em dia, as pessoas que se sentem mais à vontade em outros gêneros e tal, elas começaram a sentir mais confiança de falar, né? Porém, pode ser que algumas crianças, às vezes, sejam também retraídas. E acho que esse vai ser um ponto que a gente tem que trabalhar. Como a gente também vem falando nas aulas, né? Então, questão de, por exemplo, usar rosa, ou menino querer jogar vôlei, e queimada, e não querer jogar futebol. Então, isso com certeza vai ter, né? Porque, bom, o mundo mudou bastante ultimamente. Então, acho que hoje as pessoas sentem mais à vontade em querer mudar, mas também tem aquela retração. Então, sim, vai ter muitas... Acredito que vai ter muitas dessas situações.

Perfeito. E relacionado às questões étnico-raciais, como você acha que isso vai acontecer nas aulas?

Eu espero que não aconteça, porque aqui no Brasil já tem toda essa história de escravidão e tudo, não só no Brasil, mas praticamente no mundo inteiro. Espero que não aconteça, mas se caso acontecer... Acho que, novamente, tem que trabalhar a questão, né? Por exemplo, quando a gente fala da capoeira. A capoeira foi trazida por escravos, então por que vai ter essa questão de brincadeira, de querer zoar o amiguinho e tal? Então essa também acho que vai ser um ponto importante para se trabalhar. Agora que a gente está no final da linha, já na faculdade, a gente já começa a ver mais isso. Então acredito que vai ter os dois, né? Então a gente tem que estar apto para estar trabalhando com as crianças sobre isso.

Graduando BRUNA 2:

Bom, eu acredito que sim, que vai ter muitas situações que eu vou enfrentar em relação ao gênero e as questões étnico-raciais, até porque são questões muito presentes até hoje na nossa sociedade, né? Conforme o estágio que eu presenciei agora do Ensino Fundamental 2, a gente já vê bastante isso, principalmente nas questões de gênero a gente vê que sempre tem uma competição entre os meninos e as meninas e eles gostam dessa competição, tanto que eles não gostam de ser misturados, etc. Pelo estágio que eu presenciei, eu não tive muitas questões étnico-raciais, até porque sempre foram super tranquilos os alunos. Eu tive um aluno também que ele era uma mulher trans, né? Vamos dizer assim. Ele entrou, ele se veste como menina e às vezes os coleguinhas, eles dão uma pegada nisso. Falam assim, ah, ele tá vestido de mulher, tá vestido, age igual homem, sabe? E a professora nunca fez questão de parar esse preconceito.

Graduando ROBERTA 3: Eu acho que sim. Na verdade, eu tenho certeza que sim, porque é um tema muito atual e ele começou a ser discutido agora. Então, principalmente eu que quero o ensino infantil. É uma coisa que vem muito enraizada dos pais. Então, a gente tem que desmistificar muita coisa que eles pensam, muitos preconceitos. Então, eu acho que vai vir dessa forma alguma fala de Ai, mas esse brinquedo é de menina. Isso é coisa de menino. E questões raciais, tipo um racismo, que eles nem sabem que eles estão sendo racistas. Eles estão reproduzindo coisas que eles aprenderam. Acho que vai vir... mais dessa forma e acho que porque é um tema muito atual que está sendo discutido agora e finalmente está tendo a relevância necessária então mesmo que ele não fosse não chegasse até mim eu ia tentar discutir ele de alguma forma com os alunos.

Graduando JULIA 4:

Tá. Só um minuto. Então. Então, eu acredito que assim, durante o nosso curso, né, nós debatemos muito sobre gênero, né, as questões étnico-raciais, racismo, né, principalmente também nesse último semestre, na matéria de didática, né, a gente viu vídeos, né, leu textos, e eu acredito que seja através de... Primeiramente, questionamento, saber quais motivos estão acarretando isso. E promover um debate para tentar enfrentar essas situações.

Graduando MARIANA 5: Não só acho como já aconteceu. E olha que eu nem... tô dentro, atuando dentro da escola ainda. Foi, tipo, num lapso dentro do estágio. E, tipo assim, foi no estágio do fundamento da 1 ainda que aconteceu. Mas, enfim, eu acho que sempre vai acontecer situações relacionadas a gênero e questões étnico-raciais. Isso é algo que sempre aconteceu, mas antes era muito mais mascarado do que agora. porque a galera fala muito mais abertamente, é muito importante que isso aconteça. Mas eu acho que os professores em si precisam estar prontos, sabe? Eu acho que na faculdade, principalmente na licenciatura, a gente fala muito sobre, mas vivencia muito pouco essa relação. Porque é muito fácil vir aí e falar, porque a gente precisa ler sobre tudo mais, tem embasamento teórico e tal. Mas é muito difícil uma criança chegar pra você ou você conseguir observar que uma criança, ela não tá se sentindo acolhida ou ela sofre bullying por tanto questões raciais ou questões de gênero. Principalmente, eu acho que isso acontece principalmente com homens gays na infância. E, mano, mulheres... É um pouco mais difícil de acontecer, porque eu acho que as meninas pegam bem no processo. Mas homens no ciclo dentro da escola, eu acho que acontece muito. Eu já vi acontecendo muito homens mais afeminados, assim, entre muitas aspas. Só porque são mais afeminados ou são mais sentimentais, sabe?

Então, acho que o professor, ele precisa muito... saber como lidar com isso e é muito difícil você conseguir lidar porque às vezes os pais não aceitam ou você acha que você não vai conseguir fazer nada ou você pede ajuda até para direção da escola direção da escola simplesmente ignora então são muitos fatores que eu acho que é muito difícil digitar nessa nesse espaço e conseguir ajudar os alunos nesse quesito.

Ele simplesmente gostava de... de K-pop e ficava junto com as meninas e tal

e ele era assim muito muito alvo de bullying dentro da sala e uma das únicas professoras que tentava fazer alguma coisa e que pediu um auxílio pra mim pra conversar também com a Universidade de Artes porque a escola não tava dando nenhum suporte, sabe virou e falou, isso é coisa de criança mesmo tá tudo bem, sabe tipo,

Alguns outros professores que... É que foi uma pauta levantada na reunião também. Alguns outros professores que viraram e falaram não, mas é porque o bullying sempre esteve aí, ninguém morreu por causa disso, sabe? Tipo, é muito bizarro você ver a percepção de professores nessa questão e que eles têm uma percepção totalmente distorcida.

## 02- Para você, há diferença entre gênero e sexo? Por que?

Graduando LEANDRO 1: Até tem, mas eu também não saberia explicar corretamente porque que eu não entendo isso, entendeu? Eu não sei se tipo, vou tentar explicar o que eu entendo. Gênero, eu acho que é o que a pessoa se identifica. Por exemplo, ela é do sexo feminino, porém se identifica como homem. Então, é isso que eu entendo como gênero. E sexo é o sexo que a gente tem fisiologicamente, né? Homem e a mulher.

Graduando BRUNA 2: Vamos lá, gênero é o nosso biológico, vamos dizer, então é o jeito que a gente nasce, e o sexo é como a gente se descobre, acho que é isso.

Graduando ROBERTA 3: Então, a minha resposta, eu acho que... Vai ser um pouco ruim pra você, porque eu fico muito confusa. Porque hoje em dia tem muitos novos gêneros, tem muitas novas letras no LGBT, KIP, mas isso ainda me deixa um pouco confusa por estudar, mas não ter um exemplo real, sabe? Então, eu acho que tem, mas eu não sei dizer o porquê, o porquê exato. Mas pra mim gênero é uma coisa que você escolhe, mas sexo também, porque tem pessoas transgênero. Então, tipo assim, eu realmente não sei falar sobre.

Graduando JULIA 4: Tá. Vamos lá. Para mim, acho que sim. Posso estar errada, né? Mas acredito que sim. Sexo seria feminino ou masculino, né? E o gênero, acredito que seja que a pessoa se identifique, né?

Graduando MARIANA 5: Pensando num aspecto, falando de uma maneira séria, eu acho que sempre existe essa diferença. E hoje em dia está muito mais... A gente consegue ouvir falar mais sobre, a gente consegue falar mais sobre. E eu estou conseguindo aprender mais sobre isso também. Porque quando eu me assumi... quando eu comecei a me entender foram fatores pra conseguir entender também quais são as relações de sexo, de gênero e tudo mais porque eu não entendia entendeu achar que era alguma coisa errada, sabe sempre quando você cresce em uma família que é um pouco mais desnaturada digamos assim, você acha

que por você ser diferente dessa forma, você vai achar que você está errado. Pode acontecer muito com as crianças, principalmente, e com os adultos da escola. Vão ser zoados de alguma maneira, principalmente em escola. gênero, o que é o sexo biológico em si, porque algumas pessoas não se identificam com o sexo biológico porque que tem uma cacetada de letra na bandeira LGBT Acho que são questões muito importantes da gente pautar, porque as pessoas, elas são diferentes umas das outras. E são questões que eu mesma, como professora, não vou dizer que sei falar sobre tudo, porque eu não sei. Porque eu vim de uma família que não me ajudou a entender muito bem isso. Quem me ajuda a estudar, a entender um pouco mais sobre isso, é principalmente a Mayra, porque ela conhece bastante os termos e tudo mais, então às vezes eu, eu de verdade tenho medo de, tipo, tá conversando com alguém e falar alguma coisa errada, sabe? Porque eu tô bem leiga no assunto, mesmo fazendo parte da comunidade.

E se você pudesse definir, então, como você definiria o gênero e o sexo?

Sexo eu vejo mais como sendo algo biológico. E o gênero em si, ele pode ser um gênero fluido, que nem a gente já viu, gênero... o gênero que a pessoa se identifica e tudo mais, se ela se identifica como gostando de homem, de mulher enfim.

### **03- O que você entende por questões étnico-raciais?**

Graduando LEANDRO 1: Eu acho que eu disse que seja questão da etnia mesmo, questão de entre aspas raça, né? Cada um se identificar com... com a sua roda, com a sua cultura, eu entendo por esse lado.

Graduando BRUNA 2: Bom, as questões étnico-raciais, elas falam muito sobre a etnia de cada, vou colocar aluno aqui, a gente sempre coloca na etnia dos africanos, dos negros, dos pretos, que são de periferia, que é... estão sempre, vamos falar assim, estão sempre no mau caminho. Isso acho que é a principal questão que a gente vê nas escolas. E as questões étnico-raciais, elas falam principalmente do preconceito da raça e da etnia de cada pessoa. Acho que é isso.

Graduando ROBERTA 3: Eu acho que é muito a questão de você mostrar como o racismo existe, como ele é presente de uma forma estrutural. É você apontar porque as pessoas são racistas, que tem muito racismo velado hoje em dia. Que as pessoas nem sabem que estão sendo racistas porque isso não é falado. Então, as questões étnico-raciais, elas vêm mostrar isso para você. Mostrar que... É que nem aquela frase, não basta não ser racista, você tem que ser antirracista. E eu acho que as questões étnico-raciais, elas trazem isso, esse conhecimento sobre a cultura negra, sobre ancestralidade, como ela tá ligada com as coisas que a gente tem hoje em dia. Mas isso.

Graduando JULIA 4: Seria uma diversidade na nossa sociedade em si, que aí também vai incluir as questões de desigualdade, questões talvez de gênero,

questões discriminatórias, será que seria isso?

(Eu) Então, aqui seria mais especificamente nas questões étnico-raciais. Então, você responderia que seria discriminação?

Não discriminação, mas seria uma construção talvez da nossa sociedade. É uma produção da nossa sociedade que é muito através da desigualdade, sabe? Discriminatória.

Graduando MARIANA 5: Bom, com relação às questões étnico-raciais, eu penso mais com relação tanto à cultura de um determinado povo, como as pessoas de outras... culturas vão se pautar e se relacionar com relação a essas questões e com relação a respeito, principalmente. Como que as outras pessoas que, teoricamente, são vistas como... se impõem como colonizadoras, hoje em dia vão... tratar essas outras pessoas. Ainda existe muita diferença. Então, acho que as questões étnico-raciais vão principalmente falar sobre isso. Falar sobre como essa galera conseguiu oprimir tantos outros povos que hoje em dia a gente precisa falar muito, muito, muito sobre isso. Porque virou algo que, mano, se a gente não falar, quem é que vai falar, entendeu? Tipo assim, as questões étnico-raciais, elas são importantíssimas, principalmente para pautar o porquê que hoje em dia não é tão normal ou natural dentro de uma escola você falar sobre Umbanda. O porquê que não é tão normal e natural você falar sobre budismo. Então, as questões étnico-raciais, elas vão principalmente falar sobre... tanto opressão quanto também progresso, luta e conquista, sabe? De outros povos perante essa galera que colonizou o mundo inteiro que a gente tá falando sobre pessoas brancas, né? Então, são pautas que vão abranger todos os povos que foram oprimidos. Acho que... Acho que é mais assim que eu penso que são as questões étnico-raciais.

**04- Em seu curso de licenciatura em Educação Física você teve acesso à reflexões e abordagens sobre gênero e questões étnico-raciais? Se sim, em quais disciplinas do seu curso? Quais foram essas reflexões?**

Graduando LEANDRO 1:

Bom, eu falei que já teve, né? Praticamente a gente tem quase toda aula, a gente entra em alguma discussão em questão a isso. Bom, o que eu me lembro, por exemplo, em relação a étnico-raciais, por exemplo, a capoeira, como já dei de exemplo, né? Sim. Muito falado. Eu também lembro na aula de dança da [Ugaya\[1\]](#), que a gente também fez questões sobre danças de outras culturas, então acho que também entra nessa parte de étnico-raciais. A questão de gênero teve com a professora... com a professora Paula, se eu não me engano, a gente também falou sobre questão de gênero. Denise, direto. A Lilian também comenta bastante. Agora estamos nessa parte final da matéria dela. Desde o começo também vem falando. Acho que mais nessas matérias que a gente pega de licenciatura, fala bastante sobre isso.

Graduando BRUNA 2: Beleza, vou falar. Tive sim, foi abordado principalmente

na disciplina de danças, de handball e nas de didática. Porque foram as três professoras que mais pesaram nesse assunto para a gente. As reflexões, em didática, a gente teve que montar... a gente teve que montar uma atividade, um jogo, trabalhando essas questões de gênero. Então, a gente trabalhou com uma cruzadinha, com um debate. Trabalhamos, a gente criou um jogo também, que falava sobre... A gente colocou vários famosos que tinham várias diversidades de gênero. E os alunos tinham que descobrir e debater sobre. A gente também teve em handball, questões de gênero também, que foi um trabalho que a Lilian passou para a gente, que falava sobre handball de gênero, que colocavam as meninas como se as meninas sempre estivessem no gol. e os meninos, só os meninos jogassem. Aí a gente falou, ela sempre deu espaço para a gente falar sobre, né? Aí a gente pensou em fazer ao contrário, colocar os meninos nos lugares das meninas. De danças, a Ugaya sempre falou bastante das questões étnico-raciais, ainda principalmente nas partes das matrizes africanas e na parte de capoeira também.

Graduando ROBERTA 3: Sim, tive bastante. Muito na aula da Ugaya, né? Ela fala bastante sobre. A Fernanda também. A Lilian, que é... A Lilian teve lá de handball, a Fernanda didática e a Ugaya atividades rítmicas e dança. É foi muito falado, é uma coisa que eles conscientizaram bastante a gente sobre. E as reflexões que eles trouxeram é realmente o pensamento crítico, não falar as coisas sem você pesquisar, sem embasamento, se você quer defender alguma coisa, você irá pesquisar sobre isso para... Você não precisa mais ser uma pessoa do senso comum e falar um monte de coisas sem embasamento nenhum. É, mas isso é as reflexões de criar o pensamento crítico sobre isso e não fechar os olhos se você vê alguma questão de preconceito sobre esses temas.

Graduando JULIA 4: Tá. Sim, com certeza nós tivemos reflexões, reportagens sobre gênero e questões étnico-raciais. Agora, de matérias, pelo que eu lembro, já faz um tempo, foi matérias de Sociologia, Filosofia um pouco. matérias que envolvem a história da educação e tal. E o que está bem recente na minha cabeça é a didática. Reflexões. Ficou muito marcante um documentário que assistimos durante a aula que abordava muito essa questão de gênero e essas... questões raciais, né? Mas ficou muito marcante também a questão racial pra mim. Que até hoje muitas pessoas sofrem preconceito, né? Por ser negra não tem a mesma acessibilidade, né?

Tentando lembrar um pouco mais sobre um documentário que foi visto durante a aula, né, que principalmente a região do Nordeste lá, que se envolve muito assunto. Ficou marcado também como a região do Nordeste ainda sofre muito, né, crianças mais humildes também, sobre a questão de... e na escola né e através das escolas que elas iriam se identificar né se descobrirem tem a troca de experiências conversas é que a escola é onde a criança vai ter muitas vezes o primeiro momento né primeira vivência né que muitas vezes em casa tem aquela pressão dos pais né.

Graduando MARIANA 5: Eu acho que o nosso curso... Ah, vamos lá. Eu acho que a educação física e o nosso curso, ele não é moldado de uma forma legal. Mesmo que alguns professores de licenciatura digam que a gente tem uma ótima formação e tal e pá. Eu não concordo 100% com esse pensamento. Porque a gente tem uma lacuna muito grande entre as matérias dentro da faculdade. E desde o

começo até o final, quando a gente começa a ingressar para a licenciatura, eu acho que essas lacunas atrapalham a gente conseguir conectar os conteúdos. Porque até o terceiro ano a gente vai aprender só coisa. De tronco comum. Então a gente tem. Matérias onde a gente vai aprender. A dar algumas aulas. Alguns esportes específicos. Que também acho que. Não é tão. É interessante a gente entender. Só que é muito. É muito limitado. Então. Se a gente parar para realmente ver. A gente aprende sobre poucos esportes. E aí ficam lacunas pra quando a gente chega na licenciatura em si. Porque eles vão querer que a gente já saiba muita coisa e a gente não sabendo ler artigos, não sabendo como pesquisar as coisas, porque a gente não é instruído de como fazer isso. Então, desde o começo, você está levando tapa na cara até o final. Então, isso desmotiva muito você conseguir entender o que está acontecendo. E quando você começa a chegar na... nessa área da licenciatura, você recebe uma enxurrada muito grande de artigo e de tudo mais, de documento, e acho que isso dificulta muito dos alunos conseguirem realmente ter boas reflexões. Mas eu acho que a gente tem bastante bagagem, não tô dizendo que o nosso curso é ruim, é um curso muito bom. Os professores, eles fazem... Mano, principalmente as professoras da licenciatura fazem bastante coisa para conseguir ajudar, que a gente entenda, mas eu acho que chega o momento do curso e a gente fica muito preso a uma mesma coisa, sabe? A um mesmo diálogo. Então, eu acho que seria interessante a gente ter mais atividades... É... extracurriculares, então, não extracurriculares, mas atividades práticas, porque você fazer um cronograma fictício e deixar ali tudo mais é uma coisa, mas você não sabe como você vai conseguir lidar com abordagens de gênero e questões étnico-raciais dentro da escola, porque você não tem tempo de conseguir ter essa experiência. A gente tem essas abordagens em... didática e escolar 1, 2, escolar 3, mas a gente tem muito dessas reflexões, mas são reflexões que não saem muito do papel, são reflexões que não saem muito de dentro da sala de aula.

**05- Como você avalia a formação que seu curso de licenciatura vem lhe oferecendo sobre gênero e as questões étnico-raciais? Por que?**

Graduando LEANDRO 1: Bom, eu coloco como boa, né dou nota 8? Porque o mundo tem que ser um lugar legal para todo mundo, né? Então, a gente tem que trabalhar isso, a gente tem que ir desconstruindo as nossas ideias, por exemplo, do passado. Porque cada um tem seu jeito, porém, a gente tem que sempre respeitar o próximo. E acho que nas matérias a gente vem vendo muito isso. Então, a gente quer ter uma sala de aula legal, a gente quer ter um ambiente bacana, então tem que ter esse respeito entre gêneros, entre, mais uma vez, entre aspas, raças, culturas diferentes. Então, a abordagem vem sendo bem legal. mudando a cabeça, para quem sempre foi criado num ciclo ali, e muda-se de lado, então eu acho que tem que ser positivo.

Graduando BRUNA 2: Eu dou uma avaliação, assim, média, conforme a gente pode explorar mais no curso. E sempre vem essas questões, elas sempre aparecem dos mesmos professores, que são os professores que lidam bem com a

licenciatura. A gente pode ver como a gente tem a Lilian, a Fernanda, a Gaia, são, assim, professoras que pegam bem no nosso pé em questão a isso. Alguns outros professores, a maioria deles, principalmente do bacharel, que a gente tem a grade comum, eles nunca nem tocam nesses assuntos e ficam mais com a parte biológica mesmo. Mas eu dou uma nota 7,5, porque as professoras que colocam isso para a gente, elas sempre vão bem fundo, fazem a gente pensar bastante, refletir bastante. Já os outros professores, parece que aparece muito isso nas aulas deles.

Graduando ROBERTA 3: Eu daria... Cara, eu acho que nós é 10, porque eu não tinha muito conhecimento sobre, sem ser o senso comum de saber que racismo e machismo é errado. E eu acho que é 10 porque eu aprendi muito sobre o porquê é errado, o porquê eu não posso concordar. Tipo, porquê que isso acontece? como acontece, o que fazer quando isso acontecer com você, como lutar contra isso. Acho que é 10, porque as professoras são muito engajadas nesse assunto, principalmente na licenciatura. Então, é um grande embasamento, e é uma coisa que cobram bastante da gente na graduação, essa formação.

Graduando JULIA 4: Sinceramente, eu avalio em questão sobre gênero e questões étnico-raciais, 4. uma nota baixa, porque não é um assunto muito debatido, eu acho. Acho que, assim, professores, eles chegam a relatar, sabe? Contar assuntos, fatos que aconteceram, né? No dia a dia, em questões de cenas que aconteceu em sala de aula, mas nunca é um assunto muito bem aprofundado. Eu sinto falta, sabe? De estudar mais a fundo. fundo, como você lidar melhor em questões de situações adversas, porque sempre é algo muito inóssimo. Superficial. Eu acho.

Graduando MARIANA 5: A nossa formação não é uma formação ruim, mas eu acho que ela tem lacunas. Ela tem lacunas entre também a licenciatura e o bacharelado, que é tipo assim um abismo. Mas dentro da licenciatura, eu acho que é aquilo que eu falei, faltam práticas. Faltam atividades que a gente consiga realmente interligar o que a gente vê na teoria. Porque a gente vê sim questões de gênero e questões étnico-raciais. A gente fala muito sobre. Mas a única matéria que deu realmente pra gente estudos de caso foi didática. E foram coisas assim, que tipo, a gente não sabe se iria dar certo ou não. Porque a gente não fez, por exemplo, uma simulação, ou a gente não viu isso na prática, a gente não sabe se vai dar certo. Eu acho que seria interessante a gente tentar fazer algo mais lutado pra prática em si, sobre essa questão. Mas... É interessante para a gente conseguir fazer essa reflexão, mas foi a única matéria que deu esse tipo de estudo de caso. Eu acho que se a gente tivesse mais estudos de caso, a gente conseguiria se pautar melhor e conseguir resolver melhor as questões. Mas eu daria um 8 para a nossa formação, porque realmente ela é uma boa formação. Os professores da licenciatura, eles realmente se esforçam para... tornar a gente bons professores e não tornar, não fazer com que a gente só vire um professor concursado que não tá mais afim de fazer nada porque já tá estabilizado. Porque realmente pode, a gente, professores, são pessoas, então realmente vai acontecer da gente de algum dia não tá bem, não querer fazer algo muito complexo e tá tudo bem se isso acontecer. Mas não pode

virar um hábito, não pode virar uma bola de neve. Então, eu acho que só por esse ponto, desses professores, eles se importarem de alguma forma com a nossa formação, já é algo muito importante. E eles dão bastante bibliografia e tudo mais. Uma outra atividade que eu acho que ajudaria muito, se a gente tivesse mais, foi a que a gente fez em Escolar 2, com a Lilian, de trazer as crianças a trabalhar mais de perto. Mas também foi... Eu senti que foi mais uma recriação do que realmente uma atividade educacional. Mas tá tudo bem também. A recriação também faz parte do nosso nicho. Então, também são experiências. Então, eu realmente daria um 8 por conta de todas essas questões que eu falei.

**06- Você acredita que se, no presente momento, tivesse que assumir uma turma na escola, você estaria preparado(a) para envolver as questões de gênero e étnico-raciais em suas aulas? Por que?**

Graduando LEANDRO 1: Ó, se eu já tivesse essa opção de poder, né? Eu acredito que sim. Possa ser que eu tenha algumas dificuldades isso seria normal para quem está entrando agora, mas eu acredito que eu já absorvi sim da faculdade. Teve uns contatos. Que nem o professor Algaia. Sempre falava bastante. Eu acredito que eu conseguiria administrar isso daí. Se eu não me engano. Meu último seminário com a própria Lilian. Falou um pouco sobre isso de questões aí de gênero, né, sobre... colocar estereótipos, né? Então, dá pra trabalhar bem, sim.

Graduando BRUNA 2: Bom, eu acho que em partes eu conseguiria resolver e envolver as questões de gênero, mas assim, não por conta, não muito por conta do que a faculdade me preparou, por conta mais do que a sociedade prepara a gente, sobre o que eu pesquiso por fora, sobre o que aparece na mídia, a gente sempre está mais preparado conforme. por esses meios do que pelos meios da faculdade. Eu acho que as questões de gênero, elas são mais relevantes nas aulas da faculdade, então acho que eu estaria preparada melhor, estaria melhor preparada para essas situações. E nas questões étnico-raciais, eu acho que nem tanto.

Graduando ROBERTA 3: Sim, eu acho que eu estaria. Porque, principalmente questões étnico-raciais, estudei muito sobre. Por mais que às vezes eu não quisesse, mas eu estudei muito sobre. E eu já tento fazer isso sendo auxiliar de sala, trazer essas questões, mudar o pensamento de muitas crianças sobre essas questões. Então, eu acho que sendo uma professora mesmo, uma figura mais respeitada, conseguiria executar melhor isso. Óbvio que sempre pesquisando, aumentando o repertório para lidar exclusivamente com uma faixa etária, esse assunto, mas eu acho que eu conseguiria.

Graduando JULIA 4: Tá. E eu vou responder meio que os dois, meio jogo. Olha, sinceramente, eu, por ser uma pessoa branca, né, eu nunca sofri esse tipo de preconceito, né, obviamente. Eu sempre tive uma melhor condição, você sabe bem, né? Mas acho que preparada mesmo, de verdade, talvez não. Mas é que assim, a gente saberia lidar com determinadas situações, né? De me pôr no lugar da pessoa, saber o motivo da causa que aconteceu tal determinado... assunto, né? Mas, talvez

preparado não. Acho que é só mais através da vivência mesmo, sabe?

Eu acho de extrema importância já, tipo assim, assumir a aula, determinado conteúdo já. Impor sobre a importância de debater sobre gênero, sobre as questões raciais, saber respeitar o próximo, a opinião do próximo. Ele não é um diferente, ele não é uma pessoa diferente, ele é uma pessoa como nós. Cada um tem o seu modo de ser. E não é por isso que ele tem que sofrer determinado preconceito.

Graduando MARIANA 5:Olha, eu acho que preparada é uma palavra muito forte. Eu acho que eu estou minimamente apta para conseguir dar uma aula. Ou, enfim, assumir uma turma, duas turmas dentro de uma escola. Mas eu teria que me preparar bem antes. Porque eu sei como... Porque, enfim, por conta do estágio, eu vi mais ou menos como é assumir uma turma, sabe? Como... é chegar num lugar diferente, como é talvez não ter completamente a autoridade dentro daquela turma. E o meu maior medo seria ser autoritária a ponto de que, tipo, eles não gostassem, sabe, do que eu tô falando, não se interessassem. Eu acho que o principal ponto é esse. Eu acho que eu conseguiria envolver questões de gênero. e questões étnico-raciais na aula, só que eu teria que ver como é aquela turma, como que eles se relacionam com outros professores, como eles vão se relacionar comigo, porque tem toda a questão de aparência, apresentação e tudo mais, por eu ser mulher também, então são questões que eu conseguiria trabalhar. Mas seria bem engatinhando, sabe? Vendo, entendendo como é aquela turma. Porque algumas turmas vão ser mais fáceis, outras vão ser mais difíceis de lidar e abordar alguns temas, porque a educação física, muitas vezes, para esses alunos, ela não é um lugar para ter pautas. É um lugar onde eles vão querer ter um momento de recreação. foi um lazer e tá tudo bem. Eles pensarem dessa forma porque sempre foi assim para muitos deles, porque isso foi um erro dos professores anteriores. Então, para mudar essa visão vai ser um trabalho, entendeu? Vai ser realmente um trabalho muito grande. Mas eu estaria disposta a conseguir mudar a visão deles e a trabalhar todas essas questões de maneira geral e de maneira mais afinada conforme o tempo for passando.

Uma pergunta que eu tenho feito também para o pessoal, é? Gênero e relações étnico-raciais são dois marcadores diferentes, né? E aí você acha que você conseguiria com mais facilidade trabalhar algum deles ou você acha que você sairia do mesmo lugar?

Então, eu acho que eu teria um pouco mais de facilidade de falar sobre gênero, mas não teria medo de não ser engessada para falar de questões étnico-raciais. Até porque, se a gente não falar, ninguém fala, ou poucos professores que são negros vão falar. Então, não tem por que eu não falar, entendeu? Ter medo. E é interessante levar pessoas para falar sobre. Mas eu também poderia partir de um começo para falar sobre isso, porque provavelmente dentro da sala também teriam outras crianças que iriam se identificar e conseguir também falar sobre suas experiências. Então, acho que é muito válido partir de um ponto. primário, assim, das duas questões.

**07- Pensando em seu curso de licenciatura de Educação Física, caso pudesse modificar o currículo, o que você sugeriria para as questões de gênero e étnico-raciais? Por que?**

Graduando LEANDRO 1: Nossa. Bom, retomando de novo, né? Na matéria da Lilian a gente tá vendo muito essa questão de currículo, BNCC, currículo paulista, e dá pra ver que é muito estereotipado, principalmente a educação física. Então assim, cara, tinha muita coisa pra mudar, muita, muita, muita, muita, muita, muita. Eu não saberia falar todas, mas por exemplo, vamos puxar pra étnico racial, vamos mais uma vez na capoeira, que é a nossa aqui do Brasil, que é algo da nossa terra mesmo. Cara, eu acho que poderia entrar muito mais Em questão História, né Porque no currículo da Liga BNCC Currículo, leva introdução Bem básica mesmo, básica, básica Não tem um enredo mais completo E ele já participa Na questão de golpes e tal Então acho que assim, antes do aluno aprender A questão da própria luta ou da dança em si Teria que entender O porquê, o como ela veio parar o quão importante ela foi pra essa na época, para os escravos até chegar pra gente como ela funciona hoje, como ela representa a questão de um povo então na questão étnico-racial, acho que poderia ser essa pois gênero poderia ser praticamente ele também tudo, né? questão de estereotipar como o futebol só de menino vôlei só menina, ou só queimada menina mostrar como que funciona também outras modalidades... A questão também das pessoas trans agora que tem essa transição do feminino para o masculino. Então acho que isso daí também dá para colocar muito importante. Atletas brasileiros também que são pessoas bem faladas agora também nessa questão. Então gênero e étnico racial dá para mexer em muita coisa no currículo, muita, muita mesmo.

E em relação à sua formação, olhando para o currículo da universidade? O que você acha que daria para modificar?

então, da universidade em si, eu acho que... Eu não cheguei a ler profundamente, porque, assim, cada professor tem seu jeito de apresentar, de dar aula, de se expressar, de explicar. A gente teve bastante professor. Tem professor que tem a sua opinião formada, independente de qualquer coisa, né?

Graduando BRUNA 2:Eu sugeriria colocar essas questões desde o começo do currículo já. Trabalhar ali desde os anos iniciais até o ensino médio, sempre deixar isso sempre em pauta, em todas as aulas, em qualquer conteúdo que a gente for ministrar. Eu acho que devia ter um pouquinho, pelo menos um pouquinho disso, todas as matérias que a gente tem na faculdade e ter um pouquinho disso também em todas as matérias do currículo. Porque assim eu acho que conforme a gente vai estudando, a gente vai entendendo mais fácil essas questões e para não chegar e depender só de uma matéria para gente aprender tudo isso aí.

Graduando ROBERTA 3: Na faculdade eu não mudaria, eu não modificaria,

porque eu acho que ele é bem completo, principalmente por até matérias que não são sobre, as professoras e professores trazem assuntos sobre. Então, ele é bem rico nessa parte. E sonos de licenciatura, os antes do bacharel. Meu Deus do céu. Mas na licenciatura eu vejo muito isso, esse cuidado em mostrar isso. E nas escolas, eu acho que depende muito da escola. Eu modificaria muita coisa porque tem muita coisa que eles não falam. E eu entendo, eles não têm embasamento, eles não têm preparação. Mas eles também não buscam se preparar para isso. Então eles só negligenciam, colocam o dia do índio, que nem é índio. Colocam o dia da consciência negra. não aprofundam. A maioria das escolas, principalmente particulares, está começando isso agora por algumas sementinhas que foram plantadas em professores jovens. Mas os professores de mais idade, eles nem pensam nisso. Então, eu modificaria muito os anos iniciais, toda a escola, para incluir isso, porque muitas vezes não é incluso e se é incluso, muita gente reclama ainda.

Graduando JULIA 4: Olha, agora refletindo sobre isso, eu acho que seria importante, sim, nós termos uma disciplina que abordasse sobre isso em si. Porque, como eu falei anteriormente, são sempre debatidas questões... muito superficiais, nunca aprofundados. Eu acho que seria, sim, importante ter uma disciplina. A gente tem tantas matérias que foram repetidas, por exemplo, Sociologia da Educação, Sociologia da Educação Física, matérias parecidas que, por que não inclui uma matéria que fale sobre gênero e questões sociais? Acho que se já tivesse a partir do currículo, mais seriam, seriam mais pessoas que iriam estar mais por dentro do assunto, né? pessoas mais, como posso dizer, instruídas. E muitas coisas poderiam ser evitadas. Desde o início, o professor já vai estar instruído sobre o assunto e ele vai saber ministrar uma aula para tentar combater sobre essas questões, principalmente a questão do preconceito. Eu acho que seria muito bacana já começar desde a base, já debater sobre isso. que é uma questão super da atualidade, né, hoje em dia. E aí você poderia ter lá na frente uma sociedade mais inclusiva. Porque é aquilo que eu falei, né, às vezes a criança vai ter o seu primeiro momento, né, de se descobrir, não se descobrir entre aspas, mas ser aquela troca de experiência, no caso, eu quero dizer, na escola mesmo, não vai ser na casa. Vai ser, às vezes, através da escola.

Graduando MARIANA 5: Pensando, dando enfoque principalmente nisso, eu acho que, como eu falei, eu não mudaria muitas coisas, porque a gente pontua e aborda muito sobre isso no curso. Eu só daria um aprofundamento maior. Eu acho que essas questões já deveriam ser pautadas desde o começo do curso, mas elas acabam sendo pautadas e aprofundadas não, elas começam a ser pautadas já no terceiro ano. Então, se a gente, que nem eu falei, que nem numa aula para o ensino médio ou para um fundamental, se a gente começar de um ponto primário, desde as matérias que a gente teve do começo, mesmo que tipo... o bacharelado esteja junto. O bacharelado também vai dar aula. Então, eu sinto que agora fazendo o reingresso eu vejo que a galera que está no bacharel, eles são muito engessados para conseguir explicar e falar.

E, tipo assim, eu acho que desde o começo do curso a gente precisa saber lidar com pessoas, lidar com questões de gênero, questões étnico-raciais, porque isso vai acontecer tanto dentro de uma aula de um clube, dentro de uma academia,

dentro da onde for de onde a gente estiver, quanto dentro da escola. Então, acho que são questões que deveriam ser faladas desde o começo. Então, é uma das coisas que eu mudaria no curso. curso, a gente já tem essa abordagem desde o começo, não apenas na licenciatura. E também, porque essas questões também influenciam no bacharelado, questões de por que a pessoa não está frequentando um local para se exercitar, mas enfim, aí são outras observações, outros pensamentos que eu tenho. Mas eu daria esse aprofundamento já desde o começo, e também trabalharia com a questão mais prática. Então, eu tentaria trabalhar com mais... É... mais experiências práticas, por exemplo, daria para a gente trabalhar com essas experiências mais práticas nos próprios projetos de extensão que a gente tem na Unesp. Então, a gente não tem um projeto de extensão que vai estar pautado nisso. Ah, um projeto de futebol para meninos e meninas não está pautado nessa questão de gênero. não tem isso, a gente só tem apenas uma extensão de futebol, pra galera chutar bola. Então, acho que essa abertura pra comunidade ajudaria muitos alunos de dentro da UNESP, principalmente da educação física, a conseguir lidar melhor com a realidade depois que eles forem pra atuação em si dentro da escola. Eu acho que a aproximação com o público desde o começo sempre vai fazer com que a gente seja um profissional melhor. Sempre que a gente trabalhar com com a prática, a gente vai acabar sendo profissional melhor. A gente vai errar? A gente vai errar bastante no começo. Mas é por isso que eu acho que a gente tem que ter essa abordagem desde o começo, pra gente saber como a gente vai fazer quando a gente realmente estiver lá dando cara a tapa. Então, acho que essas são as minhas sugestões, as minhas ideias gerais. do que eu mudaria algumas coisas e das coisas que eu gosto mas que eu acho que ainda falta um pouco a gente melhorar.